

O CORREIO

DIRECTOR

Jorge Santos

SEMÁRIO MONARCHICO

EDITOR

João de Sá Sotto-Major Pizarro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Passos Manoel, 177-1.º-Porto

Composto e Impreso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Succesor—Officina movida a electricidade—Rua da Ganelia Velha, 79-1.º-PORTO.

Agente em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas—6, Rua Duban
Agência em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

Proprietario—MARIO ANTUNES LEITÃO

1.º ANNO = N.º 18 = AVULSO 20 REIS

Sabbado, 5 de Abril de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n.ºs, 16000 reis — serie de 32 n.ºs, 500 reis. Estrangeiro: (Primeira da União postal)—serie de 52 n.ºs, 15 francos (ou 24000 reis). Serie de 32 n.ºs, 8 francos (ou 16000 reis). Brazil: serie de 52 n.ºs, 60000 reis (moeda brasileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce 50 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.

ANUNCIOS—Na secção de annuaes 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

Uma entrevista com El-Rei D. Manuel

El-Rei e as questões sociaes. — O proletariado e a Republica. — A questão financeira no presente e no futuro. — Questões economicas. — Um grande plano. — A Monarchia condição de ordem. — A perseguição religiosa. — A Monarchia em Portugal. — A situação nacional. — Uma declaração.

Annal Soares, o brilhante jornalista que tão poderosamente affirmou o seu notabilissimo talento nas columnas do *Diário Illustrado* e do *Correio da Manhã*, e que hoje, no exilio, mantendo a nobreza do seu caracter, não deixa de mostrar aos ingenuos a senda que, vae para tres annos, vimos percorrendo, leve recentemente uma interessantissima entrevista com El-Rei D. Manuel, entrevista que, honrando as nossas columnas, representa — assim o cremos — uma alegria para aqueles que nos lêem.

El-Rei:

Precisamente no momento em que, por occasião d'uma recente viagem a Londres, nos chegou ás mãos o aviso de que El-Rei D. Manuel se dignaria receber-nos no palacet de Richmond, acabavamos de lêr no *hall* do hotel, em varios d'esses volumozos compendios da vida d'um dia, que são os jornaes matutinos d'aquella immensa metropole, a noticia de que S. M. tinha comprehendido uma serie de visitas a varios institutos d'assistencia social da capital ingleza, taes como Bruce House, Rowton House, Marylebone Work House, etc.

Um *four journaliste, toujours journaliste* — escreveu um francez dos mais illustres, que conhecia este officio e esta raga como as cabeças dos seus dedos. Pois se os confrades britannicos, embora sem esquecimento da discreção tão notavel n'aquella povo, seguem a toda a parte o popular *King Manuel*, não lhe deixam passar despercebida uma victoria no *tennis* nem uma observação sobre um quadro, e se punham agora a acompanhá-lo na sua excursão d'estado pelas obras sociaes de Londres, não deviamos nós, plmítico portuguez, aos leitores e a nós mesmo uma informação mais ampla sobre o caracter d'essas visitas d'El-Rei, sobre os intuitos que as moviam e que não seriam deserto os d'uma curiosidade vã e estéril?

Por isso na tarde seguinte, — logo depois dos primeiros cumprimentos ao Monarcha que Lisboa já hoje, á primeira vista, não reconheceria, com o seu beço que lhe ennegrece o labio superior, transmutado de adolescente que era então n'um desinvolto mancebo em quem a magreza dos Saboyas, a distincção verdadeiramente principesca dos Orléans e a bonomia áfavel dos Braganças se alliam n'um conjunto dos mais felizes — o nosso primeiro cuidado foi pedir a El-Rei o favor de nos confirmar aquella noticia dos diários inglezes.

— Sim — concedeu-nos gentilmente o Senhor D. Manuel — tenho-me interes-

sado muito pelas instituições de caracter social na Inglaterra, onde, como se sabe, ellas são modelares; tanto as officias como as que se devem á iniciativa privada, que são ainda mais numerosas e não menos perfeitas na sua organização. Sem hesitações, com uma promptidão e uma justeza assombrosas, como quem estava plenamente senhor de seu assumpto, El-Rei já citando de memoria numerosas cifras, referindo organogramas, discriminando-os, apreciando em meza d'uzia de palavras a utilidade social dos institutos a que alludia.

Aproveitamos então uma pausa do Senhor D. Manuel para accentuar bem a intenção que nos levára a solicitar d'El-Rei estas suas impressões.

— Meu Senhor — dissemos — nós os monarchicos, não podemos, na pessoa de V. M. separar do Rei o homem particular...

— Nem eu — acudiu o Senhor D. Manuel.

— E ainda os actos de caracter spocial de V. M., queremos acreditar que obedecem geralmente a desgnios de Monarcha.

— Tem razão — atalhou S. M. — e não é senão pensando no meu paiz e nos meus deveres que eu me dedico assiduamente a estes e outros problemas. Devo confessar-lhe que os que se prendem com os assumptos economicos e sociaes me interessam d'uma maneira muito particular. Já me attrahiam vivamente antes d'este interregno republicano. Hoje, porém, importam-me com dobrada razão porque, não tenho duvida, quem vae mais funda e prolongadamente sentir os effeitos d'esse desastre nacional são evidentemente as classes proletarias. Depois d'este terrivel periodo de desorganização de trabalho, de paralyzação economica, d'exhanimento de todas as fontes da riqueza publica e particular, a Monarchia, que deixaria o proletariado industrial e agricola ante as perspectivas de melhoria que a prosperidade lenta mas real e segura do paiz lhe fazia entrevêr, vae encontrar agora essas classes lançadas na mais desoladora miséria. É uma grave questão, que não pôde deixar de constituir uma das preoccupações primaciaes dos politicos monarchicos.

— Eu sei que V. M. já em Portugal trabalhava muito estorcadamente nas questões d'essa natureza...

— Sim, mas em condições tão diferentes d'aquellas com que vamos deffrontar-nos!... Eu conseguia realmente constituir um nucleo d'estudiosos, uns

politicos, outros totalmente alheios á politica, mas todos assignalados pelo seu saber, pela sua competencia technica e pela sua devoção ao bem publico — o Conde de Penha Garcia, D. Luiz de Castro, D. Antonio de Lencastre, o dr. Adolpho Coelho, João Perestrello e varios outros, a quem o paiz tem feito justiça ou a fará, quando souber com quanto desinteresse trabalhavam por elle, sem ruido e sem nenhuma especie de exhibicionismo. Estes trabalhos abrangiam questões de fomento economico, ou então d'assistencia social. Naturalmente, tudo estava ainda muito em principio, comquanto houvesse já elaborada, documentada e classificada uma serie de projectos, a maior parte dos quaes me ficaram nas Necessidades. O que ia começar a tornar-se pratico immediatamente era o das casas baratas, que resolviamos pela iniciativa privada. Na altura em que se deram os acontecimentos de 1910 tinhamos concluido os trabalhos e estatutos para se poder iniciar a construção d'uma habitação operaria.

— Parece a V. M. que o confronto entre essa recatada solicitude pelo proletariado e aquillo que se tem passado sob o actual regimen com as classes trabalhadoras possa determinar uma certa attitude politica da parte do operariado?

— Em primeiro lugar — observou El-Rei — eu não sei qual é em Portugal a politica das classes proletarias. Na Monarchia, isto é, sob um regimen de quasi suffragio universal, que mettia no deitorado a grande massa d'essas classes, os partidos monarchicos tiveram sempre no paiz maiorias esmagadoras. Como este chamado regimen democratico ainda não consulto, na realidade, o voto popular, não sei as modificações que possam ter-se produzido d'então para cá no taboleiro eleitoral. A verdade é que eu nunca me dei mal, como lei, com os operarios; e posso assegurar-lhe que se certos defeitos de preparação civica precisam ser corrigidos em Portugal, não é na generalidade das classes proletarias que elles abundam mais. De resto, porém, a meu vêr as questões d'aquella ordem carecem de ser examinadas por isso mesmo que existem, a bem da harmonia social e da prosperidade collectiva, e não com intuitos d'especulação politica. As classes operarias fazem parte da nação como quaisquer outras, entram na composição do Estado e tem n'elle os seus direitos. O mesmo progresso do paiz não pôde ser regular e normal, enquanto uma parte d'elle, e exactamente a mais numerosa, não tiver obviado ás suas necessidades economicas e não possuir até um minimo de commodidades. É necessario assentar em bases solidas a organização do trabalho, como a da propriedade, como a da industria, como a da familia, como a de todas as instituições e manifestações da actividade social, ou como a de todos os elementos de riqueza publica. Em resumo, pois, a questão especialmente chamada social é uma questão publica como qualquer outra, cujas soluções tem que ser esboçadas por motivos d'interesse colectivo como tantas mais, mesmo quando importam designadamente a certas e determinadas classes do Estado.

O proletariado e a Republica

— Se por uma accentuada modificação na tactica do proletariado — continúa El-Rei — a chamada lucta das classes tende já a transformar-se, em muita parte n'uma verdadeira cooperação, feita de mutuas transcendias entre o capital e o trabalho, esse accordo de legitimos interesses e deveres reciprocos teria sido, antes da Republica, excepcionalmente facil em Portugal, onde a evolução das formas e dos regimens economicos se fez, desde os mais remotos seculos, d'um modo geralmente pacifico, em contraposição das perturbações que a acompanharam em outros povos.

«Foi a propaganda republicana que sentindo a vacuidade da sua formula politica, aliás inadaptable ao nosso paiz, procurou, junto das camadas populares, apoiar-se n'uma plataforma economica, constituída, de resto, sobre as mais perigosas noções, as mais absurdas esperanças, os sophismas mais pueris e os promettimentos mais insensatos, ou irrealisaveis. Mas a Republica, depois de ter mostrado ás camadas populares todas estas visões falazes, não lhes deu afinal uma unica realidade — a não ser a da mais violenta e cruel oppressão politica e a da mais dura e algida miséria, que fará, provavelmente abater sobre algumas regiões de Portugal esse flagello da fome, até aqui desconhecido, felizmente, da nossa modesta mediania de remediações!

«Politicamente, o governo estabelecido no paiz pela artificiosa aventura de 1910 não outorgou, nem lhe era facil outorgar, ás classes proletarias direitos e regalias que ellas não possueissem dentro da Monarchia constitucional. Não havia em Portugal nenhuma legislação restrictiva de direitos politicos para determinadas classes, nenhum privilegio para outras. Viviam-se n'um regimen d'igualdade perante a lei. Actualmente, pelo contrario, as classes operarias em Portugal soffrem, como o paiz no seu conjunto, do cerceamento geral das liberdades publicas em proveito d'uma pequena minoria, que é o que tem sido uma das caracteristicas do regimen republicano.

«Sub o ponto de vista economico, tambem nada fez a Republica no sentido de melhorar, nem a organização e o regimen de trabalho, nem as condições materiaes da existencia do operariado.

«Mas tem feito tudo no sentido de as agravar. A legislação insensata, elaborada com a mais radical ignorancia dos phenomenos economicos e das suas leis, os desastres economicos e financeiros que tem desencadeado, a sua hostilidade declarada contra todos os factores da riqueza publica, as proprias palavras levianas, porventura inconscientes mas tão excessivamente repetidas, dos politicos que ali exercem a função d'estadistas — tudo isto traduzindo-se na paralyzação do trabalho, na desvalorização da propriedade, no justificado retraimento do capital, desassocegado e inerte do dia d'amanhã, no depauperamento das forças productoras, em absurdos e exhaustivos augmentos d'impostos e no encarecimento geral da vida — é de molde a lançar as camadas mais desprotegidas

n'uma situação d'angustiosa miseria que pôde gerar todos os desesperos.

«Considerando a par d'isto a effervescencia revolucionaria, sem objectivo determinado, que a Republica tem cuidadosamente alimentado no seo das multidões — porque os governos republicanos sabem muito bem que o seu regimen não pôde subsistir senão no estado de violencia e enquanto esta durar — deprehende-se que a questão social se nos apresentará amanhã sob um aspecto bem mais difficil e melindroso do que antes da tormenta republicana. Para tratar d'um mal é preciso reconhecê-lo em toda a sua intensidade.

«Em todo o caso — concluiu S. M. com um tom muito preemptorio — este problema não pôde deixar de ser um dos que constitua as maximas preocupações da Monarchia quando reintegrada no governo da Nação; e n'outros povos monarchicos, mas só n'esta Inglaterra tão naturalmente democratica, temos exemplos e experiencias que nos inspirem, evidentemente com as modificações exigidas pelas circumstancias especiaes do paiz, sobretudo pelas condições difficis do Thesouro.»

A questão financeira no presente e no futuro

— V. M. acaba d'alludir a uma questão que é exactamente d'aquellas que os portuguezes encaram com mais vivas apprehensões: a questão de Fazenda. Deixará ella, depois de restaurada a Monarchia, de constituir como agora o pesadelo de todos quantos se preocupam com os incertos destinos do paiz?

El-Rei meditou um instante a sua resposta — e não aproveitamos esse momento de silencio para reflectir... que um caudillo revolucionario, em circumstancias analogas, não teria hesitado em prometter ao jornalista um diluvio d'ouro, logo no dia seguinte ao do triumpho.

O Senhor D. Manuel observou, n'aquelle tom ponderado e seguro que imprimiu ás suas palavras um tão insinuante poder de persuasão:

— O que é verdade é que logo o facto da restauração da Monarchia implicará necessariamente uma redução muito importante das despesas actuaes. Sem que os serviços publicos tenham melhorado, bem ao contrario; sem que a defesa nacional esteja melhor preparada; sem que a causa da instrução tenha recebido quaisquer beneficios na organização ou no material; sem que reformas sociais tenham absorvido recursos do Estado; sem que se realizassem trabalhos de fomento economico; sem que se construissem, ou reparassem sequer, portos, docas, vias ferreas, estradas, obras d'irrigação; sem que o funcionalismo publico se encontre melhor remunerado; enfim, sem nenhum proveito visivel para o paiz no seu conjunto ou em qualquer das suas classes, o certo é que as despesas publicas cresceram espantosamente desde o estabelecimento da Republica. Gasta-se mais, devemos mais, a circulação fiduciaria augmentou inconsideravelmente e os governantes vêm-se forçados a recorrer a uma tributação extenuante, repetindo funestamente o desacerdo do homem da fabula, que matou a gallinha dos ovos d'ouro.

«O que isto significa é que todo esse injustificado excesso de despesas resulta da Republica — das suas necessidades proprias, dos seus processos, dos interesses privados a que ella tem de satisfazer e da incompetencia administrativa do seu pessoal dirigente e da sua burocracia adventicia. Portanto, os dispendios que nasceram com a Republica e lhe são inherentes, acabaram ao mesmo tempo que ella. Como se sabe, só esta verba atinge uma cifra que no nosso orçamento é muito consideravel. O que não poderá todavia remediar-se tão promptamente são os danos já causados pela administração republicana á

situação financeira do paiz. Sob a Monarchia, esta situação não era desembaraçada, mas também não dava azo á grandes apprehensões. Tinha passado o periodo do seu agravamento — em grande parte justificado pelas necessidades imprescindiveis do fomento, pois os governos monarchicos, desde 1850 para cá, isto é, n'um espaço de 60 annos, tiveram que dar ao paiz o que lhe faltava em civilização material, em commodidades, em meios de comunicação e em instrumentos de trabalho, e que era tudo, por assim dizer. Os adversarios do regimen monarchico falam muito na divida legada pelo nosso constitucionalismo, mas não fazem o balanço dos melhoramentos materiaes e reproductivos com que foi preciso dotar appressadamente um paiz que, sahindo d'um longo e tormentoso periodo de guerras e devastações, desde as invasões francezas até ao termo das luctas civis, despertava d'esse pesadelo no meio d'um mundo transformado por mil novas conquistas do progresso. Em pouco mais de dois annos de governo republicano os novos encargos creados a Portugal tem sido n'uma proporção bem mais avultada do que aquelles que contrahiu o regimen monarchico constitucional; veremos, ao finalizar esta aventura, quaes são os beneficios materiaes que a Republica deixa ao paiz em compensação dos sacrificios que lhe exigiu.

«Entretanto, o movimento da nossa regeneração financeira era sensivel nos annos precedentes ao successo de 1910. Não é segredo para ninguém, porque é hoje um facto officialmente documentado, que o governo revolucionario encontrou o Thesouro em condições do relativo desafogo. Nenhum perigo financeiro nos ameaçava. Se alguns erros e abusos se tinham commettido — e não conheço paiz em cuja administração elles não se commettam — a tendencia geral era para os corrigir. Enfim; a questão financeira, sem deixar de ser uma questão nacional do mais alto interesse, não tinha a gravidade d'uma ameaça permanente á fortuna, ao credito, á honra e ao futuro da nação. E por outro lado, como o progresso economico do paiz era incontestavel e constante, a situação financeira, que o reflecte desde que a administração seja cuidadosa, tendia por isso mesmo para uma correlativa melhoria.

«A Republica poderia ter aproveitado a sua excepcional posição de governo revolucionario, de governo de forças, para tornar ainda mais desafogadas as condições do erario, restringindo certos gastos e adoptando certas providencias que um governo normal, como eram os governos monarchicos, tem muito maior difficuldade em pôr em pratica. O contrario, porém, é que succedem. Essa força discrecionaria que as circumstancias lhe outorgaram, tem-na o regimen revolucionario utilizado para augmentar prodigiosamente as despesas e os encargos da Fazenda, em beneficio d'interesses que não são certamente os do paiz. E não ha perspectivas, por mais aterradoras, que o detenham n'este caminho. No fim do ultimo anno a divida fluctuante excedia 91 mil contos, e uma das ultimas situações semanaes do Banco de Portugal dá a circulação fiduciaria em quantia superior a 85 mil e seiscentos contos.

«Todavia, não só persistem os exorbitantes dispendios anteriores, mas incessantemente a Republica imagina outros novos, como se as circumstancias financeiras do paiz fossem brilhantes. Nós faziamos uma administração mais *pot-au-feu*. Não tinhamos as magnificentes commissões de serviço que a Republica outorga, os ordenados esplendidos com que premeia alguns dos seus servidores, mas também quando, por exemplo, a circulação fiduciaria se approximava de 70 mil contos, os ministros da Fazenda apertavam as mãos na cabeça e não pensavam senão nos meios de a reduzir sem demora a proporções mais modestas.

— Parece então a V. M. que a situação financeira do paiz é sem esperanza?

— Abstenho-me de lhe dizer o que penso da questão financeira portugueza no caso que o governo republicano subsistisse ali com demora. Restaurada, porém, a Monarchia, conseguida desde logo e por esse facto a importante redução de despesas a que já alludi, coarctados os abusos e desperdícios que o governo republicano não quer nem poderia já impedir, entréguas de novo a uma burocracia competente a gerencia e a fiscalização dos dinheiros publicos, coubo em que os governantes monarchicos, que tinham encaaminhado o paiz para a regeneração financeira, poderão continuar a sua obra, embora lhes seja necessario vencer as difficuldades novas, creadas pelo desvirtuamento da administração republicana. Creio que a Restauração, por isso mesmo que ha-de entrar no paiz com força e bom prestigio, poderá immediatamente adoptar, sem ferir quaisquer interesses respeitaveis, as medidas que as condições do Thesouro impõem. Uma prudente e avisada politica financeira deverá fazer o resto, sem esquecer que as reformas de fomento economico, e principalmente de fomento agrícola, indispensaveis no paiz, devem ter na nossa situação financeira uma repercussão benéfica e profunda.

Questões economicas

Quizemos então aproveitar estas ultimas palavras de Senhor D. Manuel II para obter da benevolencia de S. M. alguns esclarecimentos mais amplos sobre o papel exercido por El-Rei na tentativa de resurgimento economico, que se estava realisando no paiz com os mais felizes arguios, quando intercorreu a nefasta aventura republicana.

Por mais que se fale da atmosphera de lisonja, que dizem cercar os Reis, certo é que não existem muitas coisas tão difficis como apurar com relativa exactidão até que ponto elles influem beneficemente no governo do Estado. Ha muito quem proclame os seus erros suppostos ou reais; mas a sua obra util é em geral occultada simultaneamente pelos seus inimigos, em nome d'um interesse muito comprehensivel... e pelos governantes em nome d'uma vaidade que não está menos no fundo da pobre natureza humana.

O Senhor D. Manuel II tem sido n'este particular, e até certo ponto, mais feliz do que outros Monarchas. O seu interesse, por exemplo, pelas questões que se prendem com a economia do paiz, era conhecido já antes da revolução republicana.

Depois d'ella, o antigo e illustre ministro das Obras Publicas, sr. D. Luiz de Castro, no seu volume *Credito Agrícola Democratico*, publicado em 1911, veio declarar, com uma isenção que lhe faz honra, que algumas das suas notaveis medidas de fomento só puderam vingar devido á intervenção do Chefe do Estado. E um economista dos mais autorisados da Europa, e tambem dos mais insuspeitos, o Dr. Léon Poinard, escreve em appendice á sua obra famosa *Portugal Inconnu*:

«Já que as circumstancias permittem que nos aproximássemos d'elle no momento em que podia considerar-se senhor do futuro, julgamos ser para nós um dever constatar e declarar firmemente aqui que o espirito de D. Manuel II era animado das melhores intenções e do mais vehemente desejo de exercer intelligentemente e com utilidade para o paiz as suas elevadas funções de Rei. Tomára grande e directo interesse pelos nossos estados sobre Portugal e empenhava-se em conhecê-los promptamente o resultado. «Tivemos de responder minuciosamente a uma serie de perguntas redigidas pelo seu proprio panho e que denotavam uma intelligencia muito viva e «uma precoce circumspecção de espirito pouco vulgar na sua idade.

«Sa lhe faltou o tempo para fazer alguma coisa que se visse, se as circumstancias foram particularmente adversas e duras para este joven príncipe, impende-nos o dever de lhe fazermos a justiça devida e não devemos lançar sobre elle responsabilidade que a outros pertencem.

«Tanto as suas infelicidades como a «sua boa-vontade devem conciliar-lhe «as sympathias geraes.»

Estimulado por estes depoimentos, beneficiados pois d'um silencio de El-Rei para observar:

— V. M. disse ha pouco que o mesmo grupo de pessoas que trabalhava com El-Rei nas obras sociais tratava tambem de questões de fomento.

— Preocupavamos sobretudo de questões que se prendiam com o progresso da agricultura, o melhoramento das suas condições e dos seus processos. Por exemplo, iamos promptamente iniciar no sul as escolas agricolas ambulantes. O methodo era muito engenhoso e impressionante, porque se pensava em cada região, no meio d'uma cultura rotineira, tratar umas leiras de terra pelos processos agricolas mais modernos. O contraste entre os resultados d'uma e da outra cultura era a lição pratica mais frizante e decisiva que se podia dar aos lavradores. Mas o nosso grande projecto era o das obras d'irrigação. E' inutil querer resolver em Portugal, d'uma forma definitiva, o problema agrícola, sem resolver o da irrigação, que é fundamental e condiciona iniludivelmente aquelle. Era, pois, n'esse sentido que se dirigiam os nossos esforços. Um dos poucos projectos que não figuram entre os que figuram nas Necessidades, e que foram numerosos, está aqui: é exactamente o das obras d'irrigação, elaborado por autoridades americanas muito competentes.

E El-Rei, erguendo-se, foi com a sua habitual affabilidade buscar entre os seus papéis um maço volumoso, que contém um projecto completo d'irrigação do paiz, com os respectivos estudos detalhados, relatorios, orçamentos, cadernos d'encargos. Mas enquanto eu o passava pelos olhos, S. M. ia citando de cór os seus topicos, as suas conclusões principaes, as suas cifras.

A memoria d'El-Rei — a legendaria memoria dos Braganças — é com effeito prodigiosa, e comprehende-se como lhe seja um inestimavel auxilium para o sorprendente conhecimento que S. M. tem das coisas publicas.

Este juvenil Monarcha, que ha cinco annos sabiu inesperadamente ao throno, conhece os homens e os episodios da politica constitucional, nos seus mais insignificantes pormenores, como se em tudo se tratasse de coisas e pessoas do seu reinado.

Ouve-se El-Rei falar, com uma grande abundancia de detalhes, do incidente parlamentar que deitou abaixo tal ministro. E tem-se a principio a impressão de que foi um ministro do sr. Wenceslau de Lima, ou do sr. Campos Henriques. Não: trata-se de Barjona, de Saraiva de Carvalho ou de Rodrigues Sampaio.

Refe o Senhor D. Manuel passo a passo certa diligencia diplomatica junto do Quai d'Orsay, o que disse o representante de Portugal, o que lhe responderam, que difficuldades encontrou, como se decidia a questão. Foi o sr. Conde de Sousa Rosa? Não: foi um ministro plenipotenciario do Senhor D. Luiz I!

E assim como S. M. é uma chronica viva da politica do seu paiz, do mesmo modo é lícito dizer sem irreverencia, que El-Rei poderia ser o secretario geral de todas as repartições do Estado: o Senhor D. Manuel conhece com effeito toda a legislação que as regem, citando-a sempre que vem a proposito, e sabe precisamente o estado de todas as questões d'administração em que se fala. Um Chefe d'Estado possuidor d'estas facultades é o mais precioso collaborador dos seus ministros.

Um grande plano de El-Rei

Notando o entusiasmo com que o Senhor D. Manuel se referia ao projecto realmente gigantesco da irrigação artificial do paiz que faria só por si a gloria do Rei ou do estadista que a levasse a cabo, não pudémos furtar-nos a murmurar:

— E' deploravel, meu Senhor, que todo esse conjunto d'esforços se tenha inutilizado no meio d'um vendavel politico!...

— Inutilizado, não — corrigiu El-Rei. — E' uma obra a proseguir, essa do nosso resurgimento economico. Imagino que todo o trabalho dos dirigentes, no sentido d'imprimir á vida economica de Portugal o desenvolvimento que elle póde e merece ter, deverá obedecer a um plano geral, sensato, pratico, exequivel, mas completo e harmonico; e este por seu turno tem como condicção um conhecimento aprofundado, consciante e minucioso das condições economicas e sociaes do paiz, em toda a sua melindrosa complexidade.

«Foi com este pensamento que nós promovemos a ida a Portugal do Dr. Léon Poincard, economista e sociologo eminente, e pessoa auctorisadissima não só pela sua alta competencia scientifica, mas ainda porque, como estranho ao paiz, estava por isso mesmo isento de todas as preocupações d'escala, de todos os preconceitos da tradição e da rotina que pudessem perturbar a calma e a imparcialidade das suas observações. Chamámo-lo como se chama o medico á cabeceira d'um doente, para diagnosticar o mal e lhe prescrever o tratamento. Os seus estudos, que estão em parte publicados, eram destinados a servir de base a todo o nosso trabalho ulterior. Embora sejam inculcáveis os danos causados á nossa economia publica pelo governo republicano, cuja obra é n'isto como em tudo mais verdadeiramente vandálica, cumpre ter fé no paiz, cujas admiráveis dotas de laboriosidade tenaz e intelligente lhe tem permitido sobreviver a outras catastrophes e resarcir-se dos seus effeitos.

«Deixe affastar-se, com a Republica, o tormenta politica que vinha pesando ha muitos annos na nossa atmosphera nacional, e verá como o paiz entra depressa n'uma convalescença que deve ser o prenuncio do seu rejuvenescimento. O portuguez, subtrahido ás suggestões maléficas a que o temperamento nacional é aliás accessivel, torna-se logo um soberbo exemplo d'energia, de feudo trabalho e de bom senso. Tal é o caso da nossa admiravel colonia no Brazil. Veja que esplendida obra ella realisa e como tem o sentimento claro das conveniencias politicas da nação, como vê nitidamente os nossos destinos historicos, e com que lealdade, com que intransigencia, com que austeridade, com que inabalavel fé patriótica os serve!

«Nunca por certo, a constituição economica da nação foi tão violentamente atacada nos seus orgãos vitales, de maneira directa e indirecta, como o tem sido pela ousada incapacidade do governo que existe em Portugal. Mas as sociedades tem quasi sempre uma capacidade de resistencia a estes golpes, além de tudo quanto se prevê. Confio-mos em que o paiz retome posse da sua vontade e dos seus destinos antes que o regimen actual lhe suffoque o ultimo sopro de vida. E então cumprirá a todos os bons portuguezes, desde o Rei ao cidadão mais obscuro, dedicarmos-nos á obra de reconstrução nacional com o fervor, a paixão, o cuidado absorvente com que se entrega á reconstrução da sua fortuna o commerciante ou o industrial arruinado por um incendio, por uma guerra, por um qualquer desastre tremendo e imprevisito.

A Monarchia condição da ordem

— Demais, o restabelecimento economico do paiz virá com a restauração da ordem e da lei, com a reintegração dos cidadãos no gozo dos seus direitos pu-

blicos e privados, com a paz material e a paz dos espiritos que só podem ser asseguradas pela Monarchia. A questão politica, que é a origem de toda a presente perturbação da vida nacional, não póde desaparecer sob a Republica desde que esta se encontra sobreposta a um paiz monarchico — e sem fallarmos mesmo dos processos por que ella pretende impôr-se. Mas essa questão desaparecerá com a Monarchia, desde que esta é o regimen natural do paiz, e desde que por outro lado a experiencia republicana, decepcionando os que estavam illudidos, não deixa de si no paiz senão uma memoria d'oppressões, de horrores, de miseria, de luto e de sangue.

«Não é uma minoria de revolucionarios a todo o transe que poderá sob o regimen monarchico perturbar de facto a tranquillidade nacional, logo que deixaram d'existir todos os pretextos para conceder á sua propaganda e aos seus actos os favores extra-legaes do tempo antigo. E como estes não podem nem devem continuar, essa propaganda é inane.»

Como solicitassemos da benevolencia de El-Rei as suas impressões sobre o que incessantemente se escreve na imprensa europeia e o muito mais que consta relativamente ao nosso dominio colonial, S. M. tomou de subito uma attitude reservada e disse, com manifesto desejo de poupar as suas palavras:

— Dos povos que originariamente se entregaram aos descobrimentos e á conquista, houve um só que conservou até agora a sua situação de grande potencia colonial. Foi exactamente o mais reduzido em territorio metropolitano, o que menos elementos de força possuía para entre as nações impôr a sua vontade e os seus direitos: foi Portugal. Este prodigio realisono-o o nosso paiz com a Monarchia, e desvaneco-me de que a politica externa da casa de Bragança tenha collaborado n'elle, auxiliando a obra dos guerreiros, dos administradores e dos diplomatas. Os factos dirão se a Republica conserva até o fim o nosso imperio colonial, tal como o encontrou ao tomar conta do poder...

A perseguição religiosa

Abstendo-se El-Rei de proseguir sobre aquelle melindroso assumpto, parecunos então interessante escutar S. M. a respeito d'uma das mais caracteristicas feições da Republica, a da oppressão da fé religiosa.

— A tentativa d'extermínio em Portugal o sentimento religioso — disse El-Rei — terá a mesma sorte d'outras analogas que em varios tempos e paizes a tem precedido, e que nunca serviram senão para comprovar a impotencia dos homens perante o inacessivel da creença divina, provocando ao mesmo tempo, inalteravelmente, um rejuvenescimento da fé e do culto. Eis o que a lição da Historia deveria ter ensinado aos dobeis inimigos de Deus. O mal que estas perseguições comportam não recae sobre o catholicismo, mas sobre a sociedade nacional, que ellas agitam, perturbam e atribulam.

«A propria classe ecclesiastica, a troco de soffrimentos profundos, é certo, mas ephemeros, não tem com estas violencias senão a ganhar em prestigio e em ascendente moral, quando sabe supportal-as com a dignidade e o desassombro de que na generalidade tem dado prova o clero portuguez. Os exemplos d'abnegação, de coragem e devoção á sua fé, dados ao paiz por esses modestos sacerdotes que só protrahiram do seu dever e dos seus juramentos preferem as privações, o exilio, a prisão e as coações de toda a ordem, são dos mais louvaveis que a sociedade portugueza tem recebido durante este periodo d'experiencias. O regimen que vigora em Portugal é inimigo da liberdade de consciencia como de todas as liberdades, inimigo da creença religiosa como de todos os sentimentos ou todas

as concepções da vida que tenham um conteúdo moral, e inimigo da Igreja como de todas as instituições que, pela sua vitalidade, pela sua cohesão, pela sua resistencia organica, estejam no caso de dificultar o trabalho de dissolução social que constitue manifestamente um dos desgnios fundamentais d'aquelle governo. O desfecho d'esta lucta mostrará, mais uma vez, que as forças que dominam a alma e as que vivificam as sociedades acabam por se sobrepôr sempre ás tentativas de microscopicos agentes destruidores.

— Evidentemente, meu Senhor, feita a restauração, a situação creada á Igreja pelo regimen republicano será examinada?...

— Restabelecido o imperio da lei, serão dadas sem duvida todas as reparações devidas — concluiu El-Rei.

Os mortos, os presos, os exilados

— E quantos outros agravos, quantos outros maleficios, quantos abusos e violencias a reparar!... — exclamámos, dando curso a uma série de melancolicos pensamentos que as ultimas palavras do Senhor D. Manuel nos tinham despertado.

— Quantos! — confirmou S. M. cuja physionomia se assombrou, como se perante o seu espirito tivesse apparecido de subito a visão amarga de todas as ruinas e de todas as desditas que estes dois annos e meio d'inepto e perverso despotismo tem accumulado em Portugal.

E depois de deixar vaguear um momento pela sala o seu olhar que uma nuvem velava, El-Rei proseguiu, fitando no parque os braços desnudados e negros do arvoredo, immovéis sob o ceu immovel:

— E quantos tambem que a acção dos homens não póde já reparar!... Lembre-se d'aquelles honrados e benemeritos portuguezes, a maior parte humilissimos filhos do povo, que pela redempção da sua Patria e pelo triumpho das suas creenças fôram morrer como heroes no campo da batalha, á sombra da Bandeira Portugueza que tanto amavam e á qual não hesitaram em fazer assim, com a maior das abnegações, o maior e derradeiro dos sacrificios! E os que jazem nas cadeias ou lá tem passado longos tempos de cruciantissimo soffrimento, sujeitos a todas as atrocidades d'um regimen que não tem igual no mundo culto e tudo supportando com uma altivez e uma dignidade tão exemplares que assombram os seus mesmos algozes, quem lhes dará reparação do martyrio de que tem sido victimas e da miseria ou das dores que se apoderaram dos seus lares?

«E aos que tem tido que procurar na tristeza do exilio um refugio contra as prepotencias que os ameaçavam na sua terra? E todos os damnos, todas as affrontas, todos os infortunios moraes e materiaes que tem espalhado de norte a sul do paiz uma inexoravel tyrannia cujas malhas se estendem até as mais remotas aldeias, quem poderá dar d'elles reparação ás suas victimas? Se outros signaes não houvesse da inadaptableidade da Republica a Portugal, para se avaliar como ella é completa bastaria medita-la pela somma de violencias que o governo revolucionario tem que commetter para ir vivendo. E quer um outro symptoma da incompatibilidade da Republica com o paiz? E' a hostilidade irreductivel que lhe manifesta a mulher. A mulher portugueza é um sér essencialmente sentimental e familiar, a quem a politica nunca interessou; e todavia a sua reluctancia pela Republica é ostensiva, e não é raro manifestar-se d'uma maneira mais nitida, mais declarada e mais activa do que até mesmo a dos homens. Ora só os governos exacerados e inseguros é que precisam de se impôr pela crueldade!

A Monarchia em Portugal

— Precisamos governar com o coração...

— Decreto — concordou S. M. — Mas tambem muito com a cabeça, e em todo o caso sem quebra da necessaria energia na defesa da ordem social. O que se tem passado n'estes dois annos e meio, e as reconsiderações que tudo isso provoca, faz vér quanto eram injustas, sob todos os pontos de vista, as accusações dirigidas contra a politica e a administração da Monarchia por uma propaganda de meras affirmações, que encontrava facil pressa no espirito d'um povo naturalmente impressionavel e sem educação.

«Não quero dizer que não haja erros a corrigir, habitos a modificar, iniciativas a afervorar, melhoramentos a introduzir na legislação e nos costumes. Demais, qual é o povo que n'um dado momento se póde considerar inexcedivelmente bem governado? Porém, se na administração monarchica se tivessem perpetrado os abusos e até os delictos que a propaganda revolucionaria lhe assacava, todos esses factos não teriam deixado de ser descobertos, comprovados, e os seus auctores punidos, pelas numerosas syndicancias nas repartições do Estado, que logo decretou o governo revolucionario. E todavia, apesar de não faltarem aos syndicantes nenhuns meios d'investigação nem de prova, e apesar tambem do ardor e boa vontade com que trabalharam, o resultado d'essas syndicancias póde dizer-se que foi nullo. Emquanto á competencia governativa dos estadistas da Monarchia, a simples recordação dos nomes e da obra de tantos d'elles em meio da perspectiva que offerece o actual mundo politico portuguez, basta para lhes provocar nos espiritos imparciaes o respeito, e, em muitos casos, a admiração que merecem.

«Se se percorrer a obra governativa e parlamentar dos politicos monarchicos, mesmo só nos ultimos annos, ali se encontrarão, convertidos ou não em lei, muitos diplomas e muitos pensamentos de governo de incontestavel alcance. A sua repercussão, a sua discussão e a possibilidade de os levar a effeito eram porém contrariadas, principalmente, pela circumstancia de se encontrar a attenção publica desviada d'esses assumptos vitales e praticos e atrahida pelo ruido d'uma contenda relativa á questão da forma de governo. Esta questão, porém, perde toda a razão de ser com a fallencia cabal da tentativa republicana. Tem o paiz homens de governo, especialistas e technicos, dos quaes se tem o direito d'esperar uma proficua acção dirigente, desde que esta encontre o meio que as circumstancias difficulavam em outro tempo, e que totalmente lhe negam hoje sob um regimen politico além de tudo o mais artificial.

«As instituições politicas e sociaes de cada povo são uma creação sua, que não póde ser destruida pelos caprichos ou pela ambição dos homens; estas apenas podem influir no sentido d'aperfeicoal-as e adaptal-as á evolução das ideias e dos costumes, sem contudo as desnaturalarem. Não tem a nação portugueza creação sua mais propria do que a Monarchia, que foi sempre em Portugal um regimen de caracter eminentemente popular. Os acontecimentos capitaes e decisivos da historia da nação representam simultaneamente factos da historia politica do regimen e até das proprias Casas Reaes — e factos igualmente felizes ou infelizes para estas e para o paiz.

«O nascimento da primeira dynastia quer dizer a fundação d'uma Patria Portugueza; o genio d'um Infante D. Henrique fructifica para o paiz nas glorias mais triumphaes e nas mais deslumbrantes riquezas, que o tornam uma das mais fortes e respeitadas potencias; a bella morte de D. Sebastião, sem descendencia, na heroica jornada d'África, implica a perda da independencia nacional; a restauração d'esta exige a elevação da dynastia de Bragança. E ultimamente, a

actual solução de continuidade na vigência do regimen monarchico logo impo-
 pou para o paiz um periodo de servidão,
 d'anormalidade na vida politica e social,
 de decadencia moral, financeira e econ-
 omica, de desprestigio, de degradações,
 desastres e perturbações de toda a or-
 dem. A intima união do paiz com a Mo-
 narchia, nas prosperidades como nas vi-
 cissitudes, é uma lei historica da nossa
 nacionalidade.

Quadro da situação nacional

— Os povos, meu Senhor, costumam
 ser pouco sensiveis ás lições do passado,
 e já um grande sociologo observou que
 o effeito d'uma experiencia politica nos
 sentimentos e opiniões collectivas não
 vae além da geração que a soffreu. Mas
 isto nos basta para suppômos que o
 povo portuguez tem, ao menos n'este
 momento, uma noção pratica e viva das
 differenças de facto, que existem em
 Portugal entre o regimen monarchico e
 o regimen republicano...

— O contraste — acudiu El-Rei —
 poderia ser mais frisante, nem mais elo-
 quente na sua significação. É um caro
 ensinamento, mas é a mais impressiva
 lição de coisas que podia ter soffrido o
 nosso infortunado paiz. A um systema
 politico e administrativo de caracter ele-
 ctivo fez-se succeder um regimen pura-
 mente despotico, em que tanto os mem-
 bros do chamado parlamento como as
 corporações d'administração local são
 nomeações. Já os proprios politicos
 republicanos declararam que não houve
 senão um simulacro d'eleição quando se
 tratou de formar a camara Constituinte,
 que foi todavia a que sancionou em
 nome do paiz o acto revolucionario e
 que actualmente desempenha ali o pa-
 pel de poder legislativo. Emquanto ás
 corporações municipaes e ás outras en-
 tidades d'administração local, para essas
 não se simulou sequer a eleição, sendo
 os seus membros escolhidos e nomeados
 discrecionalmente pelo poder executivo.
 É este o systema governativo caracte-
 ristico dos regimens autoritarios.

«E se a intervenção do paiz na ge-
 rencia dos negocios collectivos ou na
 sua fiscalisação por intermedio dos seus
 eleitos se encontra assim abolida, igual-
 mente elle a não pôde exercer pelos ou-
 tros meios de que usam os povos livres,
 pois não existe a liberdade de reunião,
 nem a liberdade d'impresso, dependente
 como se encontra o direito de circulação
 d'um jornal do criterio exclusivo do
 mais modesto e inculto agente da auto-
 ridade — nem sequer a liberdade d'ex-
 primir particularmente uma opinião so-
 bre a marcha das coisas publicas, sendo
 frequentemente encarcerados cidadãos
 por tempo indefinido, sob a unica incul-
 pação official de terem «falado mal da
 Republica» ou «censurado os actos do
 governo». Nenhum confronto soffre esta
 situação inverosimil com a amplissima
 liberdade de critica que se destructura
 sob a Monarchia. Sempre a independen-
 cia do poder judicial foi, mais do que
 um principio de lei, um dogma do nos-
 so systema monarchico constitucional.
 Essa independencia deixou d'existir
 com a Republica, na legislação como
 nos factos. Não sómente se crearam
 para os delictos politicos tribunaes *ad
 odium* e de nomeação, funcionando se-
 gundo um systema de leis d'excepção
 que invertem todos os principios juridi-
 cos e annullam todos os direitos da de-
 fesa: a propria justiça civil foi posta á
 mercê das imposições, caprichos e in-
 teresses da politica, confiando-se por lei a
 sua fiscalisação, a carreira e a sorte dos
 magistrados ao arbitrio dos infimos
 agentes do poder executivo.

«O agravamento da situação finan-
 ceira é patente e está repetidas vezes
 confirmado pelas declarações e pelos
 dados numericos officias. O commercio
 está paralyzado, a industria agonisa e
 a agricultura, que já soffria de tantas
 causas de depressão economica, entra
 n'uma era calamitosa, provocada por
 uma nova tributação exhaustiva. A

propriedade, por virtude d'este agrava-
 vamento d'impostos e das incertezas que
 lhe cria a hostilidade declarada dos go-
 vernantes, immobilisa-se e desvalorisa-se
 aterradoramente, enquanto o capital
 procura fóra do paiz collocações mais
 seguras e rendosas.

«A miseria do operariado e das po-
 pulações ruraes, conjugada com o mal-
 estar proveniente das perseguições poli-
 ticas e religiosas, arremessa para fóra do
 paiz prodigiosas multidões. O anno de
 1895 ficára memoravel por ter n'elle a
 emigração attingido o numero enorme,
 e de todo o ponto excepcional, de
 45.000 pessoas: no ano ultimo a emi-
 gração, segundo o que está avaliado,
 foi pelo menos de 120.000! Em certas
 provincias, aldeias inteiras ficaram de-
 sertas.

«Na generalidade o portuguez ganha
 hoje menos do que antes da terrivel cri-
 se economica provocada pela Republica
 e tem a vida mais cara, pagando ao
 mesmo tempo mais impostos ao Estado.

«A defesa nacional, por factos d'or-
 dem moral e material, encontra-se anar-
 chizada e em estado de extrema indigencia.
 As reformas d'instrução lança-
 ram esses servicos n'uma confusão in-
 extricavel. A burocracia foi desorganizada
 pela introdução nos seus quadros, desde
 os cargos mais altos aos mais modestos,
 d'individuos sem tirocinio nem qualquer
 especie de competencia, tendo sido a
 simples qualidade de revolucionario con-
 siderada officialmente como um titulo
 de preferencia na admissão ás funcções
 publicas.

«Nas colonias, as rebelliões tomam
 um caracter endemico, recusando-se a
 maior parte dos povos guerreiros do
 nosso ultramar a reconhecer e aceitar a
 bandeira republicana e a manter fide-
 lidade a um regimen em que não existe
 a entidade que para elles symbolisa tra-
 dicionalmente a soberania, e que é o
 Rei. Emfim, enquanto ao nosso prestigio
 internacional, julgo inutil accentuar que
 elle não é o mesmo de ha tres annos.
 Os factos, infelizmente, nol-o relembram
 a cada instante. E sobre este paiz assim
 despedaçado, a desordem, o terror, o
 despotismo dos governantes e o da de-
 magogia que os apoia reinam como lei
 suprema. Eis o que a Republica fez da
 nossa Patria; eis o que o portuguezes
 lucraram moral e materialmente, com a
 intercorrença d'um periodo republicano
 nas paginas da sua historia! Ainda é
 necessario que a obra da Monarchia no
 paiz offerecesse uma grande solidez, para
 que elle tenha podido resistir a tão nu-
 merosos e violentos factores de destruição!

Uma declaração politica d'El-Rei

— O nosso paiz — permitto-nos en-
 tão observar — é um milagre desde o
 dia d'Ourique. A cada uma das suas cri-
 ses mais agudas e mais alarmantes so-
 brevem logo uma era d'esplendor reju-
 venescimento. Por isso tambem, todos
 nós esperamos que V. M. inaugure ainda
 no seu throno uma época de regenera-
 ção e de prosperidades para a Patria
 portugueza.

— Tambem — retorquiu S. M. — é só
 assim que eu desejo e espero occupar o
 throno.

E o Senhor D. Manuel, que fala da
 grandeza da Patria no tom em que um
 sacerdote fala da gloria do seu Deus,
 pareceu aqui imprimir ás suas palavras
 um cunho ainda mais solemne, para
 dizer:

— Seriam muito injustos os que pes-
 sassem que eu ambiciono voltar a Por-
 tugal só para occupar officialmente a
 minha situação de Rei. Nada ha que
 compense na magistratura real as res-
 ponsabilidades, os deveres e os encargos
 que ella comporta. Não quero ser Rei
 senão para continuar a servir o meu
 paiz como já procurei fazel-o, e agora
 pondo n'esse servico os novos fructos
 d'uma experiencia mais longa. O meu
 reinado começou ha cinco annos, mas
 dentro d'elle eu tenho vivido muitos

mais; o que não quer dizer que não me
 sinto bem em plena mocidade, para
 pensar com enthusiasmo na obra de re-
 dempção da Patria, que constitue o ob-
 jectivo da minha vida.

— Essa empreza, meu Senhor, precisa
 ser dirigida por uma cabeça de homem
 experimentado, mas afervorada por um
 coração de vinte e cinco annos. V. M.
 está nos dois casos. Eu agradeço muito
 a V. M. a honra que acaba de me con-
 ceder: muito por mim, mas muito tam-
 bem pelas conveniências da causa mo-
 narchica. As commoventes e patrioticas
 palavras de V. M. são bem as d'um Rei,
 que não pensa senão em ser Rei.

O Senhor D. Manuel fitou em nós en-
 tão o seu olhar, que em certos momen-
 tos adquire como que uma força extra-
 nha de penetração, e accentuando muito
 as suas primeiras expressões disse pau-
 sada e gravemente:

— Não ha monarchico algum que não
 saiba do meu interesse constante e absor-
 vido pela causa da restauração da Mo-
 narchia em Portugal. Esse interesse
 devo-o á Patria, cuja felicidade, hoje
 mais do que nunca, considero que tem
 como condição a Monarchia; devo-o á
 dynastia que represento, devo-o aos que
 morreram pela nossa causa e a todos
 que por ella se tem batido, sacrificado
 e soffrido, e devo-o a mim proprio e ao
 meu nome. Não julgarei cumprida a mi-
 nha missão para com a Patria enquanto
 esta, depois de libertada da incomporta-
 vel tyrannia que a opprime e arruina,
 não tiver readquirido a paz de que pre-
 cisa e entrado na era de ordem e de
 progresso fecundo e laborioso que lhe
 deve estar reservada e que ella tanto
 merece depois d'estas dolorosas prova-
 ções!

Assim fallou o Rei de Portugal, re-
 presentante d'aquelle principio para o
 qual se voltam com saudade e com espe-
 rança os olhos d'um povo desventu-
 rado, e objecto elle proprio dos anhelos
 d'um paiz que sempre encontrou no
 Senhor D. Manuel II, a par da mais devo-
 tada e intelligente dedicação pelos seus
 interesses, aquelle poder benigno e affa-
 ve que em Portugal capta os corações
 antes de se impôr pela força autoritaria
 e rispida.

Possam os votos patrioticos do juvenil
 Monarcha ser esutados pelo Destino
 mais soberano ainda; possa o Senhor
 D. Manuel II ver realisado o sonho ge-
 neroso que lhe enche e lhe doira os dias
 do exilio, para o que não lhe falta nem
 talento, nem saber, nem energia de von-
 tade: — o grande sonho de ser um
 grande Rei!

A gloria dos Reis é feita da grandeza
 da sua Patria.

Annibal Soares.

Falta de espaço

Por motivo do grande espaço occu-
 pado pela entrevista com El-Rei, vimo-
 nos obrigados a retirar d'este numero
 alguns artigos e varias secções, que pu-
 blicaremos no numero immediato.

ECHOS

De mal a peor

Detestamos dar conselhos, e detestamo-
 los porque dar conselhos é pouco mais ou
 menos o mesmo que dar uns olhos a uma gallinha
 para lêr os artigos do sr. Antonio José d'Almeida.

Mas apesar d'isso não resistimos hoje á
 tentação de dar um conselho ao sr. Paulo
 Osorio, usando, abusando talvez mesmo, da
 liberdade que nos dá o facto de com elle
 termos lidado em defeza das mesmas ideias,
 da mesma politica e até do mesmo politico.

Esse conselho é o seguinte: Esteja o sr.
 Paulo Osorio algumas semanas sem escrever,
 nem artigos, nem cartas, nem sequer bilhetes
 postaes. Distraia-se, descanse, passeie, leia,

veja bonecas, coma poides torradas, deite-se
 cedo, levante-se tarde, tome tonicos... E deixo
 que lhe passe esse abatimento intellectual e
 esse desarranjo moral que o fizeram dizer
 inexactamente que os monarchicos tinham
 publicado um folheto em que se pedia a in-
 tervenção de Alfonso XIII; que o levaram á
 affirmacão gratuita de que muitos dos exi-
 liados realistas declararam que antes Alfonso
 XIII que Alfonso Costa; que o impediram
 depois de provar a sua declaração dizendo
 quem eram esses exiliados e que, por fim,
 o despenharam lamentavelmente n'aquella de-
 ploravel carta á Capital que tinha todos os
 caracteristicos de uma denuncia, pois, se o
 não era de facto, era-o na intenção.

O sr. Paulo Osorio precisa descançar, com
 toda a sinceridade lh'o dizemos.
 Se temha em continuar escrevendo artigos
 ou cartas, ou mesmo simples bilhetes pos-
 taes, sem ter descançado o espirito e des-
 cançado o cerebro, não sabemos até onde
 irá, tão mal a peor tem ido.

Olho o illustre jornalista que foi assim que
 o sr. Franca Borges começou.

Quando ainda era de mama, o director do
 Mundo não era nada do que é hoje. Não fazia
 affirmacões calumniosas, não dizia tolices,
 não escrevia artigos... Emfim, era uma cre-
 tura muito estimavel.
 Depois, com os primeiros passos, come-
 çou a fazer tolices. Não lhe foram á mão, nem
 elle teve mão em si, e foi indo sempre peor,
 a peor...

Hoje é o que se sabe.
 O sr. Paulo Osorio está agora como estava
 o sr. Franca Borges quando começou dando
 os primeiros passos. Se não tem mão em si...
 adios, Amica!

É uma pena, com verdade o dizemos.
 É uma pena porque o sr. Paulo Osorio tem
 excellentes qualidades de escriptor; é um
 excellentes rapaz; tem deante de si um longo
 futuro, pois pôde muito bem vir a ser ainda
 segundo official dos Proprios Nacionaes, e
 mesmo, — quem sabe? — talvez chefe de re-
 partição.

Continuando assim é que não faz nada o
 pôde muito bem arranjar uma enbruhada
 tal que quando se quiser vêr livre d'ella não
 encontra saída.

Desculpe-nos o sr. Paulo Osorio se lhe
 fallamos com esta franqueza, mas somos a
 isso levados pelo muito gosto que teriamos
 em que não viesse a chafarilar nos processos
 seguidos pelos jornalistas republicanos, quem,
 como S. Ex.^a, teve a honra de, como jornal-
 ista, perlocar a um partido cuja imprensa
 pôde e deve ser tratada como tendo sabido
 em todas as circunstancias cumprir honrada-
 mente o seu dever e seguir sempre, mesmo
 em meio das mais ardentes luctas e em face
 dos mais incoercos ataques, processos de
 absoluta correcção e dignidade.

Quem está no poder?

Um jornal, — não sabemos qual nem sabemos
 de onde, porque d'elle nos enviaram apenas a
 copiar sem indicação de titulo, — noticiando
 a supressão de dois jornaes, pergunta
 quem está no governo, se Alfonso Costa, se
 João Franco?

Está o sr. Alfonso Costa. Não tenha a esse
 respeito a menor duvida o jornal em questão.

Está o sr. Alfonso Costa e a nossa pena é
 que se não possam arranjar as cousas do
 forma a que elle continuasse a estar no governo
 para aquelles que tão ceigos andam que se es-
 quecem do que, se não fosse a guerra que
 logo do principio moveram ao governo João
 Franco, nada do que succederia teria succedido
 e não estaria o paiz a estas horas na situação
 em que está.

Muita vez temos ouvido, depois da Repu-
 blica, affirmar-se que João Franco é que tinha
 razão. Ah! se tinha!...

Pena é, repetimos, que se não possam ar-
 ranjar as cousas do forma que os que ainda
 perguntam se é João Franco ou Alfonso Costa
 que está no poder fiquem de vez governados
 pela Republica e apenas aos outros caiba o
 serem governados pelo que ha-de substituir
 isso que para ali está.

É pena, é, porque assim não ha remedio
 senão irmos suportando todas as consequen-
 cias do que fizeram e fazem do genero que
 tal perguntam, enquanto as circumstancias
 não permittem que até esses proprios ben-
 eficium d'uma mudança completa da situação
 do paiz.

Jornaes

Foi supprimido por ordem do governo o
 Grito do Povo, brilhantissimo semanario que,
 sob a direcção do illustre jornalista, sr. Al-
 berto Pinheiro Torres, se publicava n'esta ci-
 dade.

Não sabemos bem que pretexto allegou o
 governo para a supressão, mas se não esta-
 mos em erro o pretexto foi... nemhum. Nem
 de pretextos sequer entendeu precisar o go-
 verno para supprimir jornaes.

Ha pouco tempo supprimiu a Alborada,
 agora supprimiu o Grito do Povo, amanhã
 supprime outro jornal, e quando se lhe per-
 guntam porque, o orgão do governo que vem a
 ser o Mundo, propriedade do sr. Grandella,
 dirigido pelo sr. Franca Borges, e inspirado
 pelo sr. Alfonso Costa, perderá com aquel-

a vehemencia que todos lhe conhecem, e que sempre tem respondido quando se lhe pergunta porque se fez isto ou aquillo: nada.

Nós não protestamos, é claro, contra a violencia exercida contra o Grito do Povo, como não protestamos contra o que se praticou em prejuizo da Alameda.

A publicação de um jornal implica a existencia de um certo numero de pessoas interessadas na sua leitura e na sua publicação. A supressão do Grito do Povo implica, pois, um acto contrario aos interesses e aos desejos de um certo numero de conservadores, como a supressão da Alameda representou um acto contrario aos interesses e aos desejos de um certo numero de radicantes. E esses dois actos representaram um attentado, que é uma grave ameaça para todos os que por esse paiz fóra entendem ter o direito de expór as suas opiniões e os que entendem ter o de as lêr.

Consta a alguém que, á parte as cartas de protesto dos directores dos jornaes suprimidos e a meia duzia de palavras com que duas ou tres gazetas verberaram a violencia, algum outro protesto vagamente soqquer se esboçou?

Não consta. Para que havemos, pois, de estar com protestos nas nossas columnas, se o mais que conseguimos com isso é que o publico ao ler nos diga com os seus botões que effectivamente foi uma grande violencia... e recolhe logo a casa porque a noite está um tanto fresca?

Não protestamos, pois, limitando-nos a fazer votos porque se não lembre o governo de supprimir o Diario de Noticias, que é o unico jornal, cuja supressão o publico considera realmente um attentado contra o qual devia protestar.

E apenas porque isso lhe causava varias difficuldades na procura de uma cozinheira ou na escolha de um quarto mobiliado.

Porque seria

O Mundo n'um dos seus ultimos numeros sae-se com esta desandada:

«Ha creaturas com cara de gente, dando a impressão exacta de monstruosidades antropológicas inacreditáveis. E' necessario observar-as nos seus actos, para que as julgamos existentes. Do contrario pareceriam incriveis, tão profunda é a sua leprosa maldade, tão intrinseca é a infame sordidez da sua alma! O nojo que ás vezes por ellas se experimenta, mesmo a conveniente distancia olhadas, até consegue ser invencivel pelo enorme desprezo que naturalmente provocam. Nellas nunca focudou a graça de uma delicadeza, nem de suas almas gafas germinou a flor de um nobre orgulho. Arrastam-se como reptis nas commodas sombras morrendo e sujando com o seu visco repellente a terra má onde rastejam. Creaturas prontas para tudo, principalmente, para tudo que fór infame. E se as agulm á injuria, então a vileza é completa:— os peitos abrom-so-lhes e lá dentro, em logar do coração vêm-se cioacas. Que miseráveis!»

Uns dizem que esta prosa é do sr. Grandella, proprietario do Mundo, que a escreveu contra o sr. França Borges; outros dizem que é do sr. França Borges, director do Mundo, que a escreveu contra o sr. Grandella, por este, enfurecido, ter mandado vender o prédio em que está installada a gazeta.

Nós estamos em crer que não é nada d'isso. Naquelle prosa trata-se pura e simplesmente de traçar, em linhas rapidas, a physiognomia do partido democratico.

Prophecia lugubre

Com este titulo publica o sr. Machado dos Santos, no Intransigente, um artigo do qual tomamos a liberdade de transcrever estas palavras:... começando-se a respirar já uma atmosphera idéntica aquella que levou o dr. Julio de Vilhena, no tempo da Monarchia, a declarar publicamente que se caminhava para uma revolução ou para um crime. E caminhava-se para uma e outra coisa, porque não é impunemente que se investe contra um povo inteiro...

No final do artigo tem o sr. Machado dos Santos este curioso periodo: Quando nos quedamos a pensar o que será o dia de amanhã trememos pelos destinos da Patria e de Benavente e quando a nós proprios e quem tomardá a Historia severas contas pela perda da autonomia de um povo, o nome do dr. Manuel Arriaga nos acode aos labios, sendo esse infeliz velho,— pela sua falta de energia e de acção, quem ha-de carregar com o peso emagador da maldição de nossos filhos.

Não se preocupe o sr. Machado dos Santos, que para aguentar esse pezo esmagador ha-de o sr. Manuel de Arriaga ter numerosa e illustre companhia.

Mas não sejam tão lugubres e não vamos até ao ponto de recormos a perda da nossa autonomia.

Ainda temos a esperanza de que, antes de tal extremo se chegar, os pontapés que lhe

está dando o sr. Affonso Costa acabarão por acordar o paiz.

E é natural que o paiz acordado faça melhor figura de que a que tem tido a dormir. O que póde succeder, — e então n'esse caso teria razão o sr. Machado dos Santos na sua prophecia, — é que ao paiz aconteça o que aconteceu aquelle amigo do sr. Antonio José d'Almeida, que tendo adormecido vivo, acordou... morto.

Mas isso é muito raro.

Registrando

A Lueta, que ainda há pouco ao serem demittidos de varios logares correligionarios seus, a respeito de quasi todos disse, que tais logares tinham accoitado com sacrificio e por dedicacão á republica, — declara agora, a proposito da pretensão do sr. Caldeira Queiroz de occupar o logar de director da Penitenciaria, — que se accoita um logar pelo que elle rende, mas tambem se accoita porque elle categorisa, e estabelece os vras vantagens, do futuro, para aquelle que o exercer gratuitamente.

São estas as unicas razões que a Lueta encontra para que se accoite um logar. Vale a pena registal-o para se poder devidamente apreciar os artiguinhos com que o jornal camachista vae qualquer dia d'estes referir-se á demissão de tres correligionarios seus que, prophetisamos-lho' se estamos nos segredos dos deuses, vão para o molo da rua.

Mais outro

O sr. Guy de Cassagnac lá publicou agora novo artigo na Autorité contra o sr. João Chagas, ministro da Republica Portuguesa junto do governo da Republica Francesa.

O artigo é muito violento, talvez mesmo mais do que foi o primeiro, mas não é tão bem feito.

Isso é claro não fez mossa no sr. João Chagas, nem preoccupa o sr. Guy de Cassagnac. Entre os dois parece estar travada uma formalduela... de teimosia.

O sr. Cassagnac teima em crivar de offensas o sr. João Chagas. O sr. João Chagas teima em ser de gesso. E tanto um como o outro são tão teimosos que estamos a vér que irão passando mezos, annos, seculos sem que o sr. Cassagnac desista de dirigir as mais violentas e graves injurias ao ministro portuguez em França, o sr. João Chagas, pela sua parte desista de aguentar a pé firme e sem pastenar as offensas que lhe faz o jornalista francez.

Contudo talvez não fosse muito disparatado tentar pôr termo á questáo entre aquelles dois teimosos.

Mandando retirar o sr. João Chagas da Paris?... Nem por sombras. O melhor é deixal-o lá estar. Tinha-mos de mandar para lá o outro, e como podia muito bem succeder que fosse do mesmo genero, o melhor é deixal-o lá estar aquelle mesmo.

Assim ao menos póde-se suppór em França que elle é o unico no genero, que ha cá na terrinha.

Mas como acabar então com a teima? Ora!... pedindo ao sr. Cassagnac que deixe em paz o pequeno.

Já viu que elle não é para essas cousas, para que ha-de estar a teimar?



As pettas pittorescas

No parlamento o deputado sr. Francisco Cruz, a proposito de uma trapalhada n'uma junta medica militar, disse que determinado medico não honrava a farda que vestia, pois não tirou nenhum desforço pessoal do seu accusador.

O sr. Barbosa de Magalhães, tambem deputado, declarou que o tal medico militar não tirará o desforço pessoal do jornalista que o accusou, porque não teve medo de encontrar o jornalista em questáo, por mais que o procurasse.

Em seguida o sr. Brito Camacho lamentou que para o Parlamento se trouxessem questões d'aquella ordem que só servem para provocar a indisciplina e para agitar as sessões.

O sr. Marques da Costa, que levantará a questáo, encavacou o disse: Ah! se é assim, eu sou!

E juntando os papéis que tinha sobre a cartela, dispoz-se a sair da sala, o que lhe impediram varios amigos.

Deve confessar-se que tudo isto a perto de quatro mil reis por cabeça, e demais a mais, óca... não é caro!



Prudencia

O Intransigente, respondendo á Lueta, pretende que o governo da Republica Portuguesa deve, por uma accção diplomatica, fazer com que o governo francez pousse termo á violenta campanha de alguns jornaes parisienses contra o sr. João Chagas, ministro em Paris.

Tomamos a liberdade de lembrar ao Intransigente que o seguro morreu de velho e que a Prudencia foi ao enterro.

O melhor portanto é não mexer muito n'essa historia.

As disposições do governo francez já o sr. João Chagas as conheceu por aquellas duas tremendas bofetadas sem mão que foram as duas successivas revogações da ordem de expulsão contra os srs. Christos, pae e filho, e todos os dias as está sabendo por pequeninos nadas que vem a ser, como dizia o outro, grandiosos tudos.

Mottee-se o governo portuguez directamente na dansa, não é prudente. Póde orel-o o jornal que o sr. Machado dos Santos dirige.

A boa tactica da parte da Republica Portuguesa, em face dos jornaes estrangeiros, é contentar-se em que lhe não façam considerações. Pretender mais, isto é, reclamar que lhe deem provas de consideração, é imprudente.

Se ainda não estão doídos de todo... não calam n'essa.

Como elles se levam

O Senado approvou ha dias que não fossa abonado o subsidio aos membros do Parlamento nas sessões a que faltassem, embora fossa por motivo de doença.

Poucos dias depois como se visse que os illustres legisladores, para não perdorem o subsidio e ao mesmo tempo não estarem com maçadas, se retiravam do Parlamento logo em seguida á primeira chamada, á qual apenas assistiam para não deixarem de receber o dinheiro da sessão, foi proposto pelo sr. Anselmo Xavier que não fosse pago o subsidio aos membros do Parlamento que não respondessem á segunda chamada, embora tivessem respondido á primeira.

Essa proposta ficou para segunda leitura e não sabemos se, posta á votacáo, será approvada. E' possivel que não.

Mas se o fór, não tenham duvidas do que os senadores e os deputados passarão a assistir ás duas chamadas o... a retirar-se logo depois da segunda, o que naturalmente levará o sr. Anselmo Xavier a fazer outra proposta: a de que se façam novas chamadas de meia em meia hora, não se pagando o subsidio a quem não responder a todas ellas.

Assim se conseguirá talvez, pois, que se a dinheiro aquella gente se leva, que senadores e deputados, não dirmos assistam ás sessões, mas andem por alli perto para se apresentarem ás chamadas.

E' possivel porém que n'essa altura alguns senadores ou algum deputado proponha que... o subsidio seja aguentado, em vista d'elles já não podem, sem pena do rico dinheiro, deixar de estar em presenças. Inutil é dizer que a proposta será approvada por unanimidade.

Jornalistas

As Novidades, a proposito das perseguicóas á imprensa, pergunta onde estão os jornalistas?

Depois d'uma reunião em que os relaciones dos jornaes approvaram aquella tentativa de chantage que foi a pena de silencio, não consta que haja jornalistas em Portugal.

Ha uns sujeitos que escrevem nos jornaes, uma para ganhar a vida, outros para matar o tempo, outros para satisfazer um vicio e alguns para terem bilhetes de theatro.

Perguntar, pois, onde está o que não existe... é força de curiosidade.

Perfumaria Balsemão

RUA DOS RETROZEIROS, 141 Telephone, 3.777 LISBOA

UM REGIMEN CONTRA A NAÇÃO

O Senado votou contra o projecto de lei eleitoral: Mr. Poincaré encolheu-se em frente dos irremediáveis; á Camara dos Deputados, abjurando as suas votações anteriores, capitulou perante o Senado; o ministro Briand demittido; uma coisa apagada e vaga posta em seu logar; a lei dos tres annos demorada; a defeza nacional em perigo; a Triplice Entente, hontem mesmo, calada perante o ultimatum austriaco; a situação da França gravemente comprometida; tal é em resumo o resultado da nova victoria do Bloco! Tal é a crise, sem saída legal, em que se debate o regimen.

Aqui mesmo apontavamos no outro dia as consequencias do voto, já previsto, do Senado francez.

Mas o que vem revelar a incapacidade governativa do regimen, foi a soluçáo da crise. Nem Briand tinha, em primeiro logar, que se demittir: a lei eleitoral interessa o sufrágio universal, não modifica o sufrágio restricto d'onde sahe o Senado.

Nam sobretudo, olvidado já das determinantes da sua eleição, Mr. Poincaré deveria fazer a vontade ao Bloco; nam muito menos a Camara, votando contra a moção dos pro-

porcionalistas, deveria vir revelar a que ponto pôdem chegar as abjuraciones politicas. No Senado, a maioria dos ministros dos gabinetes que tinham a lei eleitoral no seu programma, e que por ella tinham trabalhado, quando no governo, estavam contra ella. Contra ella estavam affinal na Camara mais de oitenta dos deputados que a tinham, poucos mezes ha, applaudido e approvado!

Isto é o que se chama politica, isto é, a arte de proceder sempre contra os interesses da Nação. Politicamente tambem resolveu Mr. Poincaré a crise, mettendo n'um ministerio dos chamados de conciliação, isto é, de capitulação, uma crise que a simples maioria de um Majoritaire, mas a uma simples maioria de individuos varios, representando todos os titulos igualmente apazados que se matizam no Parlamentarismo francez. Incólôr, inodor e sensabor!

E' a um tal aglutinado de seus amorphos que se confia a tarefa impossivel de conciliar a reforma eleitoral e a lei dos tres annos! Não admira que Jaurès no seu jornal se divirta immenso com essa ideia. A lei chegou em dois mezes á Presidencia Poincaré!

Vale decerto a pena vêr porquê.

Porque os microbes do Senado, despeçados e detestados pela nação inteira, representam o que ha de mais lidado e positivo no regimen republicano; são a sua doutrina, a sua tradiçáo, a sua vida propria. E' n'esse ponto são irreductivos. D'ahi a sua accção. Ellos só, no Parlamentarismo francez, representam uma doutrina, por isso só elles são a força.

A doutrina, conhece-mol-a nós, infelizmente do sobra. E' a quinta essencia do jacobino do topo do terço do 93. E' a tyrannia feróz do despotismo do Estado, a tyrannia irresponsavel do Estado-Maioria, do Estado-Sufragio universal, tyrannia anónima que se desfoga sob a palavra magica: a lei! As leis da Republica! Diariamente entre nós se traduz essa expressáo em factos de que o Paiz inteiro soffre, porque, precisamente o Paiz não votou nem que as taes leis da Republica. Por um acaso, do antemáo preparado pelas circumstancias parlamentares, a Republica installou-se no Paiz. E' isto o unico modo governando, não para o Paiz, mas contra elle; não segundo os interesses da Nação, mas na defeza da sua existencia, que assim diariamente confessa e aproga não ser mantida pela Vontade Nacional.

Mas é porque a Republica não póde proceder d'outra fórma. Para ella, para o regimen jacobino, tudo quanto representa força ou independencia é um perigo, um inimigo das instituições.

Elles tãem por isso razão do ser estupidamente intolerantes e ferozes. Nam podem ser outra coisa. A Revolução começou em França por destruir as Provincias, os Parliamentos, as Zorçarpogões, as Glessas, a grande propriedade, tudo quanto no Paiz significava força e riqueza, e portanto independencia. Depois, foi a Egreja e a familia.

Ora em Portugal, a revolução liberal encaregou-se de pagar a liquidação do passado nacional, e a Republica não tem feito por isso senão atacar o que ainda encontrou de pé; a Propriedade, a Família, as Egrejas!

O odio á Egreja, que tudo domina e que a tudo sobrepõe, tem por explicacáo o ser a Egreja que mantem a familia, baseada na propriedade.

D'ahi a necessidade da escola laica, significando a mais monstruosa tyrannia, baseada no aporismo jacobino e sacrilegio: o filho não pertence aos Pais, mas sim ao Estado!

Isto é, os Pais não tem a Liberdade de instruir e de educar os filhos nos principios dos professores. Esses principios são os da moral, os principios religiosos, os daí das catholicas. E o perigo d'elles está no irreductivo da Consciencia Catholica. Uma familia catholica, é para o jacobino um baluarte irreductivo. Não ha maneira de lá entrar.

O tristissimo trabalho de desagregação nacional de que o Parlamentarismo, tal como se applicou entre nós, é o culpado principal, tinha que produzir os seus fructos. E' a impotencia do Paiz em offorcer resistencia organizada e tyrannia que o opprime. As diversas classes, as diferentes forças da nação, existiam de nome. Os interesses individuos, os preconceitos dos partidos eram os elementos dominantes. Ninguem appellava para um sentimento colectivo elevado. Os interesses mesmo da nação iam sendo tratados subsidiariamente ás combinações parlamentares. Foi o parlamentarismo, tal qual o vemos aqui, que governou em Portugal depois do regicídio.

Taes erros e crimes traziam em si o seu castigo. Vivemol-o e lembol-o em a Republica. Não ha acaso na historia de um individuo isolado que não seja carbonario, que é a propria Republica quem se encarrega de soltar, de unir, de agregar, todos esses individuos offendidos e maltratados. O excessos da tyrannia acaba por provocar o desespero. E o desesperado não mede os obstaculos.

Ayres d'Ornellas.

Mau caminho

Sobre um lago d'amarguras, pendem os salgueiros tristes. Paisagem symbolica de muita alma portugueza d'hoje.

Resignação, vigor, ingenuidade, assim conhecemos, em tempos, as características da massa popular. E, como complemento do quadro, uma forte dose de sebastianismos, e de fatalismos.

Por fatalismo, pois, a Republica apparecerá aos olhos d'alguns como o flagello de Deus. Não são momentos de vida os que agora passam. São transes expiatórios de uma sentença passada nos julgados do Destino.

Não são governantes, os que governam. São varas inconscientes d'essas mysteriosas Justicias.

Verdadeiro, ou falso, este modo determinista d'interpretar a situação apresenta, ao menos, um lado bom: Attenua as responsabilidades dos homens, e explica, dentro de certos limites, aquillo que, fóra d'essa hypothese sobrenatural, não encontra explicação possível, perante raciocínio algum.

A Miséria é a primeira das escravidões.

E, quem se propõe a Libertador de um Povo tem forçosamente de principiar por libertal-o, — antes de qualquer outra cousa, — da fome e da ignorancia.

O partido republicano, Demosthenes foga ao despejando, durante annos successivos d'oposição acintosa, as suas philippicas iracundas contra a gerencia monarchica dos negocios do Paiz, — não tinha o direito moral d'ignorar os factores essenciaes do problema portuguez.

E apossando-se, finalmente, dos sellos do Estado por meios violentos, não poderia absolver-se d'essa perigosa aventura de coarismo perturbador, senão provando que assumira a autoridade suprema com a plena consciencia de ser capaz d'exercer-a a bem da Salvação Publica.

O partido republicano, — repetimos, — não tinha o direito moral d'ignorar os factores essenciaes do problema portuguez.

Industria artificial, agricultura deficiente, população trabalhadora mal alimentada, mal instruida, mal distribuida pela superficie do territorio.

Enorme percentagem de terras ao abandono, sistemas d'irrigação pouco mais ou menos não-existentes, sub-solo mineiro escassamente aproveitado.

Como consequencia natural, um desequilibrio tenaz entre as exportações e as importações, assignalando, com a dialectica insosfismavel dos numeros, a insufficiencia desoladora da produção da riqueza.

Marinha mercante quasi sem vida. Quasi um zero os rendimentos particulares de capitães collocados no estrangeiro.

Apenas a emigração do Brazil, e a exploração da Africa Occidental, saldando a custo esse grande deficit economico, precursor evidente de uma bancarrota, suspensa qual espada de Damocles sobre as negras perspectivas do mais proximo futuro. E o aviso meteorologico da tempestade em marcha, escripto com todas as letras nas proprias contos do thesouro publico, pois, sem duvida, deve estar mesmo em cima das extremas fronteiras do credito, quem averba mais de dous quintos da sua receita para pagamento de juros de dividas.

Tudo isto os Catões democraticos sabiam decerto.

Ora quando as cousas chegam, verificada e reconhecida, a um ponto critico d'estos, não se estará a vêr, como se vêem os brilhos de um sol sem nuvens, que existe ali um verdadeiro problema de vida ou de morte, cuja resolução tem de collocar-se superior a tudo e a todos, — tem de atacar-se com a concentração maxima das energias nacionaes, unidas e comprometidas da gravidade do momento?

Não estará a vêr-se que o caminho, um e unico, é o caminho do Trabalho persistente, flanqueado por uma rigorosa administração financeira? Não estará a vêr-se que a execução de um largo plano de fomento economico, tecnicamente dirigido, e financeiramente apoiado, abrange em si, com a conquista das prosperidades materiaes, os consequimentos annexos da Ordem e da Paz Social, nas absorções da actividade promettedora? Não estará a vêr-se que, mesmo como defeza contra pretensões externas, ali se encontram as melhores garantias, visto ser a independencia politica uma função, não essencial e inseparavel, da independencia financeira e economica? Não estará a vêr-se que por ali, ainda, e só por ali, se tornam attingiveis os creditos moraes e pecuniaros, d'onde deriva o Capital, e por consequencia as possibilidades de produção, e as expansões do Commercio?

Tudo isto os Catões democraticos sabiam decerto.

E sabemos, tambem, que a entrada das instituições republicanas, no convívio da Europa monarchica, significava, infalivelmente, um enfraquecimento diplomatico, e significava um periodo d'observação internacional, e de suspensão provisoria de confianças.

Mas se tudo isto é tão luminosamente

claro, e tão essencialmente indiscutivel, que não ha meio d'argumental-o, sem que ao espirito acuda a ideia d'estar arrombando uma porta já aberta, — como é que se poderá explicar o facto extraordinario de terem os mesmos Catões democraticos voltado precisamente as costas para os lados do bom caminho, — quando o dedo indicador das Razões do Estado lá estava apontando a direcção exacta, — quando a expectativa benevola do publico lhe abria pela frente um transitto absolutamente franco e livre?

As explicações do phenomeno na ordem humana e terrestre não cabem hoje aqui.

A segunda Incursão Monarchica

OITO MEZES NA GALLIZA

A vida dos acantonamentos



O tenente de cavallaria VICTOR DE MENEZES

Ansioso por travar relações com a sua metralhadora, mal as terras enxugaram, e as chuvas deixaram o calvario serrano, o tenente Satrio Pires envergou a *Samarra* secca á custa de muito fumo da lareira, e fôl de visita a Cados.

Como as demais povoações pontuadas pelo acantonamento dos grupos, a aldeia de Cados, a mais pequena d'ellas todas, demora na vertente leste do rio Lima que, ao delongar-se dos sérios mataes, tanto se dulcifica nos campos amorosos da Vianna do Castello, que se naturalisa e morre portuguez, com o suave nome de Lima. Essa vertente é o espaço comprehendido entre Laboreiro, Suiço, Gerez e Picos de Fria Fronte. O Lima tem um berço humilde, origem bastarda n'um pantano de Gizo de Lima, eijos póres de sol são cantados, em dialecto cerrado, pelo coxar d'milhares de rês, moradores do lodo. Segue o Lima, hora melancolico, hora gárrulo, como o temperamento e o vestuario do caracteristico povo gallego, cujos lenços das mulheres são um rubor de canção traçado no peito, o resto do corpo amortalhado n'uma anilina de monja, a saia azul marinho, o saiote de sirguilha escura, mixto de garútilos e de trizeste, d'ardor e nictismo.

Aqui corre nua e estroita a vida para o rio, além tem abastancos fígulas, um leite largo. Os schistos são altiannos, o rio decorre lá em baixo, muito ao fundo dos terrenos que o bordejam. Como as canções dos poetas regionaes, o rio tem melindias pastoris enomadas do terrão, e rugidos impetuosos de trombetas de guerra. Perto de Cavalleiros mette-se n'um esporão de serra que conlora, talha á rocha, e, quando, meio-asphixiado, sóla á garganta das unhas do schisto, se desesperado, arrojante, doido d'oxigenação, e despenha-se n'uma soberba queda d'agua que o sol prateia como escámas de peixes. Depois, já ao pé de Gendibe, reposto d'aquella exaltação, deita-se sereno n'um leite d'ilha, e espreguiça-se, distendendo os braços. Por onde quer que passe, o rio Lima deixa saudades. A vegetação marginal choraa, os terrenos abençoam aquelle prodigo que atrá punhadros d'oiro á toa: lameiros fecundos, um humus fêmidio.

Com a grata alegria de viver que se derrama por todo o ser humano escape d'uma grande doença ou safo d'uma tormenta, o tenente Satrio Pires, revendo-se todo o caminho no polychromo scenario regional chegou a Cados embebedo de pantheismo. E, deitando os olhos á moradia de Victor de Menezes, exclamou :

Mas temos o Fatalismo. Um caustico a tempo salva ás vezes um doente.

Não estariam os zelos portuguezes, religiosos e patrióticos, pedindo revisuio?

Não haverá, acaso, Decretos insondáveis da Provincia de que a Republica seja apenas a passiva executora?

Talvez. Cautele, todavia, pois ha casos em que se morre da cura.

Henrique de Paiva Coutinho.

— Viva o luxo! casa com vidros nas janelas!... O meu palacio de Mogueimes tem janelas, é uma verdade, mas vidros é coisa que ainda por lá se não conhece. E' o bello do postiguinho de ferro. Também não é preciso, a luz entra bem pelas grêtas da pedra, pelas frinças das taboas, e pelos buracos da telha e do soalho.

— Pois eu cá é o bello do cristal! ufanou-se o tenente Satrio Pires. Tu tens uma casa cãdina, mas eu em uma vivenda de Cintra. Palavira de tropa que Mogueimes, então o caminho até Cados, tem pedaços que lembra Cintra: a mesma vegetação humida, os fetos, as avenças, um encanto, um encanto!

— Lá que isto é bonito é — concordou, como sempre desencantado, Victor de Menezes. — Para quem não tiver mais nada que fazer por ahí muito boa sombra do sobreiro e muita cópa de castanheiro, para um pando se esturar a lã. Mas eu preferia-me nos pedões do Gerez ou a acabar com os bates por aquelles caminhos de Traz-os-Montes, levados de quantos milhões de diabos ha, emburalhado na minha rica manta de pápa que por signal é do Ruy da Camara.

— Ouve lá! por emquanto não ha ordem nenhuma?

— Nem contra-ordem.

— Esperemos, pois, que isto continue no fim do mez. Então onde está a metralhadora? Pode-se vêr a bicha?

— E de caminho vê-se o resto do palacio. Depois damos uma volta por ahí, quero mostrar-te o meu reino de Cados.

— Ha-de ter muito que vêr! é a aldeia mais pequena do partido. Imponente, o meu Kalifado de Mogueimes.

Em Cados

Na verdade, pouco tinha que vêr a casa e o reino do tenente Victor de Menezes.

O quartello de Bande é feito da mesma terra *Saxer* da nossa Traz-os-Montes: os mesmos schistos encinzeirados, a mesma luz triste, a mesma topographia talhada por fragas na laja invia, a mesma contradicção de plainsos e de cômoros, misulas para santos ou covis para feras, os montes entrenchirados nas nuvens d'onde arremessam a pedregulhagem sobre a cabeça dos côrregos.

Quando ao *habitat*, o homem ali, como em Traz-os-Montes, nado e creado entre a rudeza do schisto, com pouco se contenta: uns centos de caballos, sellos, ou rita uns dos outros, e meia dúzia de castanheiros chegam para conter o escândio e o berço dos filhos.

N'um lume de chã, alimentado a troncos d'arvore e ramaria secca, arde a brazo do homem primitivo, enchendo a toca de fumo, e pondo o interior da mesma côr de que a luz d'ardozia pinta o exterior.

A casa do commandante do 2.º grupo era o typo constructivo da região. No unico quarto da residencia dormia o official e quatro ajudantes. Essa dependencia servia ao mesmo tempo de quarto de dormir, casa de jantar, secretaria, e ás vezes de parada de quartel, formando lá dentro todo o 2.º grupo. Cada enxerga era partilhada por dous corpos. No sobrado, rôto d'onde a onde, abria a velhice janellas para a quadra; de noite, o tenente e os ajudantes eram acordados pelas desordens dos bois ás marradas nos pórcos, com o erguer da capoeira o hymno ao sol tocado pela banda dos gallos, e pelas desavengas das vacas que acabavam sempre ás cornadas e aos mugidos. Se os aposentos eram escassos e acanhados, a cosinha não se parecia nada com o *mégalmomano* chão de terra e de tijolo da cosinha trasmontana onde o mesmo lume, que assa o cabrito, alumia os serões e desentorpece das nevadas. Quando o tenente Satrio Pires chegou a essa repartição do quartel-general de Cados, — onde Francisco Pombal, entre a fumaceira dos tôros da lareira e do azeite, frigia batatas com ovos, o prato celebre do 2.º grupo —, Satrio exclamou:

— Isto é uma cozinha para passarinhos!... o tenente Victor de Menezes concordou:

— Então para o meu bilhante pessoal culinário é verdadeiramente mesquinho. Tenho além dos meus ajudantes, os ajudantes do capitão Remedios, do capitão José Gil, de

licença em Londres, e do alferes Pedro Abrantes, doente em Vigo. Encontro-me, assim, com quatro cosinheiros, nada menos, e dois bichos de cosinha.

— Bonito pessoal para reaes cosinhas! gracejou Satrio.

— Francisco Pombal, Virgilio da Silva e Carlos Neves são cosinheiros de escola. O Adriano d'Almeida Lopes é official de cosinha tarimbete: sentou aqui praça como bicho de cosinha, mas, como é muito bom rapaz, foi promovido por distincção. Agora o conde de Santiago e o Francisco Fornos, esses parece-me que bichos de cosinha são e bichos de cosinha serão no fim do acantonamento. Não sabem fazer mais nada senão pôr a moza e lavar os pratos.

— Riram, reconhecendo a importancia dos trens regimentaes, sahindo da cosinha, e o tenente Victor de Menezes commentou:

— Agora fóra de brincadeira, ó Satrio! Vê tu estes rapazes, o D. Francisco Daun e Lorena Pombal, o D. Luiz Daun e Lorena Pombal, conde de Santiago, dous filhos do Marquez de Pombal, o Chico Fornos, filho do conde de Fornos, o Adriano e o Virgilio, como se sujeitam a viver esta vida muito pitoresca para um ou dois dias, mas muito dura para continuar!

— Não ha duvida: é admiravel! confessor Satrio.

— Porque tu comprehendes que differença fazia ao Chico Pombal e ao conde de Santiago irem para um bom hotel do Vigo esperar a hora da mobilisação? Não, senhor! aqui, solidarios com os mais humildes, com os mais pobres, e os primeiros no bom humor!

— O que eu me admiro é como elles se sujeitam a esta miseravel cosinha! Uma soperia portugueza tinha falta d'n'aquele cubiculo. Chic, chic, a minha cosinha! Essa, sim, que dava para todos os teus ajudantes e até para todo o teu grupo. Só falta o caldeirão do convento d'Alcobaca!

— Nessa não me metia eu. Conheço o bicho soldado: Se eu lhe administrasse o pret, nunca havia de estar satisfeito. Nada! Dei as duas pesetas e meia a cada praça, as tres pesetas a cada sargento, e elles lá que se governaram!

— Eu fiz o mesmo: dei o pret aos soldados, o arranchei com os ajudantes. E faz-se lá em casa um arroz de bacalhau que é uma delicia. Elle não tem bacalhauinho nenhum, não sabe a bacalhau, mas é bom. Vae por lá provai-o amanhã, ó Victor!

— Amanhã não será muito certo. Depois, talvez.

— Não te ponhas a adiar, porque os dez dias estão a expirar e arriscas-te a ir para a incursão sem provar a especialidade lá de casa.

— Mas os dez dias passaram, sommaram-se outros dez, e outros dez, e os grupos acantonados n'aquellas lagas.

Dia de pret

Cada sol que Deus deitava ao mundo era uma esperanza desabrochada e desfollada no peito de cada um. Dos homens muitos trabalhavam nas terras para ganhar mais alguma coisa; os que nunca haviam pegado no cabo d'uma enxada, erravam por ali, de olho na estrada á espera de novas, que iam passando de pósto para pósto, desde Gizo de Lima até a ultima aldeia. Quando Mario Pessoa, ajudante do Quartel General, apparecia em qualquer dos postos n'uma gontosa burra, que o levava a elle e ao dinheiro para os grupos, um grito de jubilo ochoava de serra em serra:

— «Já chegou a burra brava! já chegou a burra brava!»

Era, então, dia de grande trabalharia para os officiaes. Os ajudantes iam aos *commercos* saber quanto devia cada soldado; o official chamava o grupo, e a um de fundo, infligia-lhe, então, o supplicio de obrigar um soldado a fazer contas:

— Tu ganhas duas pesetas e meia por dia, não é?

— Saiba vos'soria que sim, senhor meu tenente.

— Bem. O dinheiro que veio é só para dez dias. Tens portanto aqui 25 pesetas.

— Sabará o meu tenente que tenho! concordava presto o soldado, dando um passo em frente, para o castelinho das pesetas.

— Ora tu deves: á casa, 23 dias a um peseta e 75 centimos por dia, faz 40 pesetas e 0,25; de pão, 23 dias a 20 centimos, 4 pesetas e 60 centimos; de vinho, outras 6 pesetas e 0,90. Total: 51 pesetas e 75 centimos.

— Perioára o meu tenente, mas acho que não é tanto!...

— Então lha lá a fazer a conta.

— E repetido o calculo, seguia-se a canceira do raleio das 23 pesetas pelos credores:

— Ora tu pagas 23 pesetas 25 centos (o soldado dava outro passo em frente e estendia a mão calveada e amarella do cigarro) Espera lá! Tu pagas n'estas 25 pesetas e vaes dar um tanto á casa, um tanto ao padeiro, e um tanto á tenda. Olha, á casa dá 17 pesetas e 0,75; ao padeiro pagas 2 pesetas; por conta do vinho, dá 3 pesetas. Anda vae lá pagar e traz a nolinhina com o abatimento do que dá agora á casa.

— Anão para mim quanto sobeja, meu tenente?

— Duas pesetas e meia.

— E quanto resto aos gallegos?

— Restas 28 pesetas e meia.

— O' meu tenente, então que voltas hei-de eu dar á minha vida?! Devo 28 e tenho duas.

—Mas tu não vês que tens a receber 48 pesetas e mais?
 —Saiba vós'oria que veio.
 —Então...
 Depois nova ausencia da Barra Brava. Mas os homens estavam sempre prontos e da qualquer serviço, a toda a hora do dia. Agora tinham exorcícios: uma sumária instrução de recrutas; meio á infantaria, meio á cavallaria, e isso outratinhas, estimulavamos, cuidando que o commandante só estava preso pela recruta. E ás 5 horas da manhã lá iam para as serras, escoreggiadas das novellas, aprender a recruta.

Os carbonarios começavam a cortejar os postos. Então, do noite, cada acantonamento montava uma ronda de cinco soldados e um sargento que velavam até noite velha, chovessa ou nevassa, houvesse que não houvesse uma ponta do cigarro.

A disciplina era perfeita, e a disciplina ali impunha a dedicação. Pernoitando aos dois e tres em cada barraca do logarejo, se improvavelmente os chamavam, nenhum bonava licença de receber. A's duas, tres horas da madrugada que fosse preciso levar uma communicação a Gizo, um d'elles, o que se mandava, lá ia o sênho, palmitar cinco horas de serra, com um pé na mão e uma pistola no bolso da zamarra, debaixo dos aguçados desesperados.

Joaquim Leitão.

SEMANA MUNDANA

Familia Real

Suas Magestades a Rainha senhora D. Amelia, e El-Rei D. Manuel, receberam no domingo de Paschoa, em Richmond, os cumprimentos de boas-festas da colonia portugueza, residente em Londres.

Suas Magestades, que foram captivantes de attenção e amabilidade para com todos os que alli foram apresentarlhes a homenagem do seu respeito, manifestaram a todos quanto lhes fora agradável receber aquellas inequivocas provas de dedicação e lealdade.

Na recepção, a que se seguiu um chá, compareceram entre outras pessoas as senhoras:

Marquessa de Fayal e filha, Marquessa do Lavradio, Condessa de Figueiró, Condessa das Galveias e filha, Viscondessa de Asseca e de Santo Thyroo, D. Maria de Vasconcellos e Sousa d'Almeida, mademoiselles Almeida Azevedo, D. Mathilde de Castro, D. Maria Barbosa de Castro, D. Maria d'Araujo de Lencastre Gil, D. Emilia Calheiros de Lencastre, D. Bertha Marques da Costa Lupi, D. Maria da Conceição de Magalhães e filhas, D. Mathilde Nogueiras, D. Benedicta de Castro Queiroz, D. Emilia de Castro Queiroz e filha, D. Julia Pinto Leite, etc.

E os senhores:
 Marquessa de Fayal, do Lavradio e de Soveral; Condes de Figueiró, das Galveias e de Mangualde (Fernando); Viscondes de Asseca e de Santo Thyroo; D. Antonio d'Almeida, Dr. Almeida Azevedo, Pedro d'Araujo, Bernardo Arnoso, Almeida e Brito, José de Mello e Castro, Manuel e Alexandre Barbosa de Castro, Carlos da Camara, Antonio e Domingos Fayal, Faria, D. Sebastião de Lencastre, Eduardo Lupi, Conselheiro Luiz de Magalhães, José Estevão de Magalhães, D. José Gil de Menezes, Teixeira de Queiroz, Antonio Eça de Queiroz, Francisco Quintella de Sampaio, Raul Hornani Cesar de Sá, João Santos, André Sapardo, Virgílio Pereira da Silva, José de Vasconcellos e Sousa, etc.

Casamento

Na igreja de S. Thiago, em Lisboa, realiso-se ha dias o casamento do nosso querido amigo, sr. Edgardo Pinheiro Chagas com a sr.^a D. Hortensia Maria das Reys e Sousa, gentilissima filha da sr.^a D. Maria Adelaide Ayl dos Reys e Sousa e do fallecido negociante Antonio dos Reys e Sousa.

O noivo, vivendo hoje, como todos os seus irmãos, no exilio, e actualmente

em Paris fez-se representar por procuração, na cerimonia nupcial, pelo sr. dr. Frederico Augusto Franco de Castro, illustre advogado e sogro do sr. dr. Mario Pinheiro Chagas.

Foram madrinhas a mãe da noiva, a sr.^a D. Clarissa Teixeira Pinheiro Chagas, cunhada do noivo, e a sr.^a D. Anna Carneiro da Silva, e padrinhos os sr.s. Henrique dos Reys e Sousa e dr. Arthur Braga.

O casamento foi celebrado pelo reverendo padre Manuel Damazo Antunes, antigo capellão de cavallaria 4.^o e velho e dedicado amigo da familia Pinheiro Chagas, e á cerimonia apenas assistiram algumas pessoas das relações mais intimas das familias dos noivos.

A noiva partiu para Paris, onta, como dissemos, está actualmente o sr. Edgardo Pinheiro Chagas.

Aos noivos, que pelas suas qualidades são dignos das maiores venturas, desejamos todas as felicidades.

Um estabelecimento modelar

Os sr.s. Carvalho & Figueiredo inauguraram ha dias, na parte nova da rua do Sá da Bandeira, 409, um magnifico estabelecimento onde, e do mais fino gosto, se encontra uma variedade esplendida de mobiliario, em que predomina o elegante e moderno estylo inglez; uma secção de estofos, tapetes, oleados, azulejos, e os mais interessantes objectos de arte: jarras, figuras; emfim, tudo o que constitue a graça e a belleza do *boudoir* elegante.

Nas suas magnificas officinas, um pessoal habil e competente executa, de prompto, todas as encomendas que lhes sejam enviadas.

E' um bello estabelecimento, este — não haja duvida — e, como tal, conscios do nosso dever, o recomendamos a todos os que nos lêem.

Aos sr.s. Carvalho & Figueiredo os nossos parabens por dotarem o Porto com uma casa onde, por modestos preços, se encontra o que, de mais *chic*, pôde desejar a nossa phantasia.

Carta de Lisboa

Todo o interrogatorio, feito hontem no tribunal militar á Senhora D. Constança Telles da Gama, mereca especial referencia. A sala apresentava um aspecto interessante, a julgar pelas resenhas dos jornaes que, precisamente porque são discordes entre si, nos dão uma impressão exacta do que lá se passou. Reratun-se a concorrência, segundo um jornal radical, nos frequentadores dos *five o'clock teas* elegantes e das esquinas do Chiado, e isso é dizer bem a selecção d'essa concorrência que não protesta, não faz barulho, não deu nem vivas nem morras, não invectivou os adrogados nem insultou as testemunhas e que se manteve sempre respeitosa e tranquilla. Entre o auditorio irrequieto e turbulento de alguns dos julgamentos anteriores e o da audiência de hontem havia a differença que vae entre uma chavena de chá e dous decilitros. Por isso talvez, uma senhora mais nervosa que, por acaso, esboçara um sorriso em certa altura da sessão foi convidada a sahir, segundo noticia muito contente a mesma folha radical, emquanto nas outras audiencias os espedaçados que interrompiam com apertadas e offensas o depoimento das testemunhas e os discursos dos advogados, não roeberam convite nenhum e só se foram embora quando lhes appetecia.

Como vêem, nas mais pequenas coisas se differençou o julgamento de hontem.

Tambem não appareceu o sr. juiz Costa Gonçalves, que cedeu o logar ao sr. juiz Mario Calixto, a quem basta ouvir cinco minutos para se ficar conhecendo, no dizer pittoresco do sr. Duarte Leite uma vez no Senado respondendo ao sr. Antonio Macieira. O auditorio de hontem, não sabemos porque, lembrou-se a modo do discurso do ex-presidente da Ministros!

Ainda outra differença. A Senhora D. Constança não se sentou n'um banco mas n'uma cadeira que lhe offereceu um jornalista delicado, segundo conta a mesma gazeta, o qual commentario apenas accrescenta, qual outro Sur. de la Palisse, que o jornalista ficou toda a tarde sentado no banco. Nós achamos que o jornalista não fez senão o seu dever, tanto mais lembrando-se talvez de ter applaudido collegas que, em tempos idos, se recusavam a sentar nos bancos da Boa Hora, reclamando cadeiras da braços e não sabemos se de melas e estofo!

E por ultimo, apesar da concorrência ser muito grande e o calor quasi asfixiante, não havia aquelle perfume typico das grandes aglomerações, o que abunda os usos hygienicos e o amor pela agua que caracterisam pessoas acciadas e *chics*.

Decididamente o aspecto da sala era muito outro do que habitualmente é. A *silhouette* fina e elegante da illustre senhora, victima dos seus sentimentos humanitarios e caridosos, destacava-se entre todas e a superior linha fidalga que manteva em todo o decurso do julgamento, e muito especialmente durante o interrogatorio, apresentaram aos que a não conheciam senão superficialmente, todos os primores do seu espirito culto e da sua linda alma!

Notou o sr. juiz Calixto que todas as cartas juntas aos autos e dirigidas a S. Ex.^a se referiam a palavras suas que nunca mais esquecerá e desejou saber que palavras eram essas.

— «Ea, replicou logo a Senhora D. <Constança, se encontrasse um dia V. <Ex.^a a morrer de fome n'uma prisão, <com a sua mulher e seus filhos na miseria, e lhe fosse dizer palavras de consolocto, levando-lhe noticias d'elles, V. Ex.^a por certo se lembraria de <pois d'essas palavras... >

Talvez se não lembrasse, mas em todo o caso a resposta não podia envolver mais gentilmente uma lição de sentimentos. O sr. juiz não se deu por convencido, o que não admira, e desejou ainda saber porque é que os signatarios das cartas se não referiam claramente ás taes palavras.

— Ellos é que lhe podem explicar! concluiu serenamente a accusada, que mais adiante, quando elle lhe perguntava porque razão dava apenas esmolas aos presos polticos, respondia com muita dignidade que nunca se perguntára ás pessoas que socorriam as victimas do Ribatejo ou as do Veroness, porque motivo o faziam.

Trocou-se então esta dialogo entre o juiz e a illustre senhora.

— Porque motivo não desviava V. Ex.^a do espirito dos presos que estavam desvirtuando as suas intenções, a ideia de que a moviam fins polticos?

— Nunca deixaria de escrever a um criminoso que protgesse, embora elle me confessasse um crime repugnante, quanto mais a um criminoso politico cujo crime nada tem para mim de repugnante... Para mim não ha como um homem de convicções.

— V. Ex.^a não comprehendeu a minha pergunta...

— Perdição, comprehendí muito bem. O que V. Ex.^a queria é que eu os convencesse a seguir a ideia republicana. Isso nunca eu faria. Elles escreveriam-me o que queriam, eu respondia o que devia. Quando me falavam n'uma espingarda, respondia com uma esmola.

E por fim o promotor qui saber se as ideias republicanas eram simpatias á accusada, que se limitou a lembrar

que ninguém tinha o direito de a interrogar sobre as suas convicções.

Em todo esse interrogatorio que foi ouvido no mais rigoroso silencio, a Senhora D. Constança foi de uma grande nobreza; nobreza pelo que disse, nobreza pelo que calou, diante de perguntas cuja banalidade não fizera senão realçar mais e mais a injustiça e o nenhum fundamento da accusação. E apoz longos mezes de carcere, depois de ter soffrido, com uma activa dignidade hoje infelizmente quasi rara no nosso paiz, perseguições de todo o genero, a filha dos illustres Condes de Cascaes sah do tribunal, alegre e satisfeita, porque toda essa perseguição, todo o martyrio soffrido, todas as humilhações, todos os ataques, todas as grosserias vieram a transformar-se em esmolas como as esmolas da Rainha Santa se transformavam em flores. Na persistencia da sua cruzada revelou uma alma; ao deffrontar-se com a justiça dos homens, revelou uma intelligencia. Se na coragem mostrou a sua raça, na dignidade provou a sua fidalguia, e desde que se lembrou de acudir aos que soffriam, até as ultimas palavras pronunciadas diante dos seus juizes, pedindo para os seus co-reus a mesma sorte do que a sua, caso fosse absolvida, revelou-se sempre — uma Senhora!

Quinta-feira, 2.

Raul.

Annuncios

CIGARROS
Presidente ARRIAGA
 Fina mistura de tabaco havano
 A marca de maior successo em Portugal
 Cuidado com varias marcas
 Imitações d'esta famosa marca

Na Guiné

Por Frederico Pinheiro Chagas
 (2.^a edição) Brevemente á venda.

HEROES DE CHAVES
 Nova marca de cigarros
 Manipulados com finissimo tabaco
 havano suave
SUCCESSO COLOSSAL
 Em todas as tabacarias
 15 CIGARROS, 90 REIS

LEGITIMOS CIGARROS D'ALGER

PERFUMES de Salon
CREMES d'Herbe Divine
 Universalmente conhecidos...
 como os mais hygienicos
Não affectam a garganta
 Cuidado com as imitações que a fama mundial d'estas marcas tem provocado.

ESTOFOS, MOVEIS E TAPETES

Deposito de capachos de côco e pita

Carvalho & Figueiredo

409, Rua do Sá da Bandeira, 409

(PARTE NOVA)

Em frente ao Bolhão

PORTO

EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

PARA A COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 23 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambri-zette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel; para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empreza

RUA DO COMMERCIO, 85 - LISBOA

Magalhães & Moniz, L.^{da} LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencia e letras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações.

Correspondentes em todo o mundo.

CASA FUNDADA EM 1863

II, Largo dos Loyos, 14 - PORTO

COMPANHIA DO GAZ DO PORTO

Distribuição de Coke a domicilio

Por cada 15 kilos (uma arroba) 200 reis
Por cada 600 kilos (um carro) 80000 reis

Posto em casa do consumidor, dentro da area da cidade do Porto.

PESO GARANTIDO

SATISFAZEM-SE PROMPTAMENTE

todos os pedidos de Coke que lhe forem feitos ou por meio do correio, ou em requisição verbal nos seus escriptorios da Praça Carlos Alberto, 71, ou na fabrica, no Ouro.

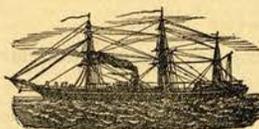
Cimentos

NACIONAES E ESTRANGEIROS

DE CRESSO

Vantagens excepçionaes para grandes fornecimentos e contractos annuaes, etc.

J. WIMMER & C.^a LISBOA



COMPAGNIES DE NAVEGATION

SUD-ATLANTIQUE

Linha postal. Para Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Ayres, com escala por Dakar A 8 de Abril o paquete *Valdivia*.

A 22 de Abril o paquete *La Gasconne*. Linhas commerciaes. Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 16 de Abril o paquete *Sequana*. Para Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos Ayres.

K. H. Lloyd (Mala Real Holandeza)

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos Ayres.

A 7 de Abril o paquete *Hollandia*. A 28 de abril o paquete *Frisia*. Para Vigo, Bontogne, Paris, Dover, Londres e Amsterdam. A 9 de Abril o paquete *Frisia*. A 29 de Abril o paquete *Zelandia*.

Linha Cyp. Fabre & C.^o

Para Providence e New-York, e mais cidades dos E. Unidos da America do Norte com escala por S. Miguel, Terceira e Fayal. A 26 de Abril o paquete *Roma*. A 5 de Abril o paquete *Germania*.

Preço das passagens em 3.^a classe para New-York, Boston, New-Bedford, etc., quarenta e dois mil reis e para S. Francisco da California, Libras 22-0-10. Para *Marselha*. A 11 de Abril o paquete *Roma*. Para carga e passagens e mais esclarecimentos trata-se com

OREY ANTUNES & C.^o

NO PORTO

EM LISBOA

Largo de S. Domingos, 62-1.^o

Praça Duque da Terceira, 4.

Recommendamos as excellentes e magnificas PENNAS

D. CARLOS I e D. MANOEL II

em bonitas caixas com artisticas photographias de Suas Magestades

Fabricação exclusiva dos fabricantes inglezes D. LEONART & C.^o

Vendem-se nas boas papelarias de Portugal.

Dr. M. Forbes Costa

CIRURGIÃO DOS HOSPITAES Antigo assistente das clinicas de Paris, Berlim, Londres e Vienna

Doenças genito-urinarias, venereas e syphiliticas

Diagnostico e tratamento da syphilis pelos processos mais modernos, especialmente pelo salvarsan (606) e neo-salvarsan.

Praça da Liberdade, 124-1.^o DAS 2 ÀS 5 HORAS Telephone, 1.433

COMPANHIAS DE SEGUROS

La Union y el Fenix Español de Madrid

Union Maritime de Paris Mannheim de Manheim

Seguros sobre a vida, incendio, explosão de gaz, de machinas, raio, rendas em caso de incendio, maritimos postaes e transportes de qual-quer natureza.

LIMA MAYER & C.^o R. da Prata, 58-1.^o - LISBOA